

---

PRÊMIO LITERÁRIO

*Caique Botkay*

---



# A Arte da Reinvenção



**PREFEITURA  
DA CIDADE DO  
RIO DE JANEIRO**

MULTIRIO - EMPRESA  
MUNICIPAL DE MULTIMEIOS LTDA.

Cada etapa para a realização do Prêmio Literário Caique Botkay foi um ensaio de como se reinventar diante de uma circunstância que não imaginávamos enfrentar.

A construção da ideia do Prêmio, a escolha do nome, a elaboração do edital com as etapas e critérios, a extensão das inscrições para outras cidades, a seleção dos contos e a difícil decisão de elencar os dez primeiros possibilitaram um mergulho em nossos conceitos no que realmente nos torna livres. É como se todas as imagens que rodeiam nossa cabeça se materializassem subitamente. Saudades da normalidade, de sair para o destino com a avidez de uma criança a caminho do

**MARCELO CRIVELLA**  
Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro

**ADOLPHO KONDER**  
Secretário Municipal de Cultura – SMC-Rio

**TALMA ROMERO SUANE**  
Secretária Municipal de Educação –  
SME-Rio

**CLAUDIO ELIAS**  
Diretor-Presidente da Empresa Municipal  
de Múltiplos – MultiRio

## **MULTIRIO**

---

**CHEFIA DE GABINETE**  
Joamilton Ornelas

**ASSESSORIA DE  
ARTICULAÇÃO  
PEDAGÓGICA**  
Simone Monteiro

**DIRETORIA  
DE MÍDIA E  
EDUCAÇÃO**  
Eduardo Guedes

**ASSESSORIA DE MÍDIA  
E EDUCAÇÃO**  
Pierre Meireles

**REVISÃO**  
César Garcia

**ASSESSORIA  
DE PESQUISA E  
DOCUMENTAÇÃO**  
Cynthia Motta

**NÚCLEO DE  
ARTES GRÁFICAS  
E ANIMAÇÃO**  
Marcelo Salerno

**GERÊNCIA DE  
ARTES GRÁFICAS**  
Sérgio Glens

**PROJETO GRÁFICO**  
Antonio Chacar

## **SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO**

---

**CHEFIA DE GABINETE**  
Heloisa Sermud

**SUBSECRETARIA  
DE ENSINO**  
REJANE PEREIRA  
FARIA DA COSTA

## **SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA**

---

**CHEFIA DE GABINETE**  
André Novo

**SUBSECRETARIA  
DE CULTURA**  
ROSELI DUARTE

**GERÊNCIA DE LEITURA**  
Renata Costa

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

A Arte da reinvenção [livro eletrônico] :  
Prêmio Literário Caique Botkay / MultiRio. --  
Rio de Janeiro : MultiRio, 2020.  
PDF

Vários autores.  
ISBN 978-65-88623-00-8

1. Contos - Coletâneas - Literatura brasileira
2. Prêmio Literário Caique Botkay I. MultiRio.

O processo de seleção e avaliação dos contos inscritos foi realizado por uma comissão composta por profissionais das instituições parceiras na realização do Prêmio: Secretaria Municipal de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro (SMC-Rio), Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro (SME-Rio) e MultiRio, empresa de mídiamediação vinculada à SME-Rio.

COMISSÃO AVALIADORA	
Aline de Aquino Marvila	Secretaria Municipal de Educação
Catharina Harriet Vasconcellos Baptista	Empresa Municipal de Multimeios - MultiRio
Cyntia Motta de Oliveira Martins	Empresa Municipal de Multimeios - MultiRio
Fernando Antônio de Barros Madeu	Empresa Municipal de Multimeios - MultiRio
Giseli Ribeiro da Silva	Secretaria Municipal de Cultura
Marcia Valéria dos Santos Barreto	Secretaria Municipal de Cultura
Nathane Cavalini do Nascimento	Secretaria Municipal de Educação
Simone Oliveira de Mendonça	Secretaria Municipal de Educação
Tainá Bartolini	Secretaria Municipal de Educação

O concurso de contos Prêmio Literário Caíque Botkay, que teve como tema A Arte da Reinvenção, foi realizado na cidade do Rio de Janeiro nos meses de maio e junho de 2020, com o lançamento do edital e abertura das inscrições em 12 de maio e o anúncio dos dez contos vencedores em 22 de junho.

---

PRÊMIO LITERÁRIO

*Caique Botkay*

---



*A Arte da  
Reinvenção*



Rio de Janeiro

MultiRio · Empresa Municipal de Múltiplos Ltda.

2020



Com grande alegria, parabenizamos a todos os participantes do Prêmio Caique Botkay e, em especial, os autores dos textos selecionados, agora reunidos nesta publicação digital, a partir do tema *A Arte da Reinvenção*. Para nós, da MultiRio, esta alegria reveste-se, ainda, de um sentimento especial ao homenagear o personagem que empresta seu nome ao Prêmio. Como um dos presidentes desta Casa, tal qual um passarinho, o querido Botika, como era carinhosamente chamado, fez aqui seu ninho e, com seu canto, inspirou a todos, com muitas ideias e projetos, para em seguida alçar novos voos.

Em sua passagem pela MultiRio, Caique reafirmou sua aposta na autoria, na posse da palavra em sua multiplicidade, na criação e no compartilhamento de ideias – tônicas estas que permeiam a trajetória de mais de 25 anos desta Empresa. Por isso, colaborar com a realização deste Prêmio, desde a sua divulgação e seleção dos textos até a organização desta coletânea, foi para todos nós motivo de orgulho e também uma grande responsabilidade.

Esperamos que, ao navegar nestas páginas, os leitores possam divertir-se, refletir e emocionar-se, ao apreciar os textos que se oferecem à leitura, encontrando também novas pistas para se reinventarem e continuarem seguindo em frente.

Claudio Elias  
presidente da MultiRio

---

# *Apresentação*

---

Compositor, escritor, diretor teatral e instrumentista em uma longa vida de muito repertório cultural, esse era Caique Botkay.

Uma de suas maiores paixões, além da cultura, era a educação. Criou A Arte dos Contos, um projeto nascido na comunidade escolar, com encontros periódicos, que resultavam em publicações produzidas a partir daquelas conversas.

Por isso, a Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro resolveu homenagear Caique batizando seu prêmio com o tema A Arte da Reinvenção.

Caique, você permanecerá sempre entre nós, amantes dos livros e da cultura. Foi uma experiência incrível receber tantos contos, tanto da nossa

cidade quanto dos municípios vizinhos, que compõem o chamado Grande Rio.

Todo o processo, desde o recebimento dos contos, a escalação do time de avaliadores, até chegar a este resultado final nos proporcionou grandes alegrias. Desejo sucesso a cada um dos vencedores e que a escrita literária de vocês siga em longa estrada.

Viva a cultura, viva a literatura! Parabéns, reinventores da arte!

Adolpho Konder  
secretário municipal de Cultura do Rio de Janeiro

# Sumário

<i>Travessia</i> .....	12
Postscriptum .....	18
<i>Desmatado</i> .....	24
<i>Um Herói Nacional</i> .....	39
<i>Bonito</i> .....	44
<i>Anúnciação</i> .....	50
<i>Bastou Acender o Fogão</i> .....	65
<i>A Arte da Reinvenção</i> .....	72
<i>Nas Redes</i> .....	78
<i>Se Vira nos Sessenta: A Arte da Reinvenção</i> .....	85



---

# *Travessia*

de Nice Neves Butta

---

Aquela manhã de domingo não era como as outras. Sem fiéis saindo da igreja, nem churrasquinho do Jorge, nem a barraca de pastel e caldo de cana. O parquinho, vazio. No passado, o vaivém de pessoas num balé desconcertante. Movimento. Sorriso nos lábios. Hoje, silêncio e medo. A preocupação estava nos poucos rostos mascarados que passavam na via. O desconforto era tão intenso que quase se podia tocar. E se se conseguisse, que forma teria? Ninguém ficou incólume à pandemia. E eu não fui exceção. Era preciso sobreviver.

Vou ser sincero: sentia falta daquela movimentação, do ir e vir desenfreado em um transe quase metafísico na praça. As pessoas ficavam pensando na vida ou distraídas nas telas do smartphone. Nessa hora, eu atacava. Era rápido e a mira, certa. Não falhava nunca. As pessoas não podiam fazer nada, apenas me odiar. Mas essa era a minha natureza.

Num passe de mágica, tudo mudou. As lojas fecharam (ou quase todas). Até a igreja! Sempre quis

entrar lá, mas tinha a certeza de que seria expulso. Um visitante indesejado, encantado com o colorido dos vitrais e a beleza das imagens.

Verdade seja dita: tinha saudade do Seu Jura-mir, o pipoqueiro, dos piruás e dos restos de pipoca. Era um farto banquete. Uma delícia! Outro de que sinto falta é o Otávio, um morador de rua, que fazia ponto na porta da igreja, sempre no horário da missa. Diariamente, dividia seu pão conosco. Adoro miolo de pão. Às vezes, chamavam a atenção dele por causa da gente, pois éramos uma multidão em um avanço sincronizado em busca de alimento. Rápidos, fugíamos de tudo e de todos, principalmente das crianças que corriam em nossa direção, como se quisessem nos levar para casa, como um souvenir.

A vida não está fácil para um pombo em época de coronavírus. Nascido e criado na praça, sempre gostei de observar daqui de cima, de uma das árvores antigas da praça ou da torre da igreja. Ainda estranho os bancos vazios, sem aposentados jogando cartas para passar o tempo. Não havia mais os olhares de reprovação de algumas pessoas (ou seria inveja?) para aqueles homens com as marcas do tempo esculpidas em seus rostos. Eles não eram mais prisioneiros do tempo, algemados às responsabilidades

do cotidiano de uma vida inteira. Aquele momento era unicamente deles. Sem obrigações. Opcional. Sem prestar contas ou assinar o ponto na hora da entrada ou da saída. Eram livres e essa liberdade de não serem mais escravizados pelo tempo, no fundo, mesmo sem querer, incomodava muita gente.

Assumo que sou diferente. Não gosto de viver em grupo. Ainda não encontrei quem me quisesse, uma parceira para a vida toda. Quando vejo os namorados, os “pombinhos”, segundo os humanos mesmo se chamam, acabo percebendo, mesmo de longe, um brilho em seus olhares que ilumina as suas faces. O rosto dos apaixonados.

A alimentação, que outrora era farta, hoje anda em falta. Até o lixo na rua. Aquela praça era meu mundo e de lá eu nunca saí. Senti que precisava ir embora. Mas tinha medo do novo. Conhecer novos horizontes me paralisava. Aventurar-me em terras desconhecidas exigia uma dose de ousadia que eu não tinha. Ousar, para um ser como eu, preso a velhos hábitos, quase amante da rotina, era uma tarefa hercúlea.

Relutei o máximo que eu pude. Não sei se foi coragem ou instinto de sobrevivência o que me empurrou nesta empreitada. Era preciso ir e ampliar

possibilidades. Conhecer um novo território e deixar este para trás. Essa foi a decisão mais difícil que tive de tomar. Fui postergando esse momento, enganando a mim mesmo. Tudo vai melhorar ou só mais um dia, era o que eu pensava. As correntes da apatia eram fortes e os dias foram se arrastando. Foi então que vi uma carta de baralho, um ás de ouros caído ao lado da mesa vazia de concreto, espaço de jogatina dos aposentados. Naquele momento, eu entendi o que devia fazer. O tempo era a resposta. Ele era relativo. Os instantes apaixonados de um casal, o jogo dos aposentados, o homem atrasado que não queria ir para o trabalho, a folha que cai... Todos ocorrendo no mesmo instante, mas com tempos diferentes. Para uns, uma eternidade, para outros, um piscar de olhos, uma fração de segundo.

Não precisava de uma ampulheta para perceber que meu tempo ali tinha acabado. Era hora de apostar no futuro, jogar todas as cartas. O maior adversário seria eu mesmo. Poderia escolher permanecer soterrado no presente e no passado ou ir, para onde não tenho a menor ideia, construir o meu futuro. Enfrentar tempo de chuva, sol, vento forte ou, quem sabe, um arco-íris no fim da tarde. Tempo de ir. Recomeçar. Minha essência é o voo.

Voei, voei, voei. Sem destino. Descortinava um mundo novo. Instantes e eternidades. Dominado pelo cansaço, senti que era tempo de parar e pousei em uma frondosa jaqueira que ficava em um espaçoso quintal junto com outras árvores frutíferas. De repente, ouvi música, risadas de crianças. O latido do cachorro. Movimento ao redor da casa. Elas corriam num animado pique-pega. Vida.

Na varanda, um idoso modelava algo com miolo de pão, com a atenção de um artista, criando sua obra-prima. A forma indefinida foi jogada no chão e o homem se perdeu em seus próprios pensamentos (ou teria se encontrado?). Reconheci a liberdade em seu olhar distante, como nos jogadores da praça. Ele, a seu modo particular, não era refém do tempo. Devorei a obra de arte em instantes.

Mas o melhor estava por vir: no fundo do quintal havia um galinheiro. As crianças, querendo ajudar, acabavam desperdiçando o milho que caía no meio do caminho. Um verdadeiro oásis. Ali tinha tudo do que eu precisava: comida e alegria. Foi naquele momento, que percebi do que mais sentia falta realmente: a alegria das crianças. Elas eram um colorido opondo-se ao cinza-solidão. Em tempos de pandemia é preciso que a coragem nos contamine

para seguir em frente. Para viver e aproveitar o tempo nos seus instantes e eternidades. Reparei na delicada pomba em cima da casa. E ela em mim. Não pensei duas vezes, tomei coragem e me vesti com a capa dos apaixonados. Me curvei, arrulhando e fazendo uma reverência. E ela, para minha alegria, aceitou. Cabeças se acariciando. Descobri minha parceira e o amor. No meio do caos, me reinventei. Ousei. Encontrei meu pequeno paraíso. Resolvi ficar.

Nice Neves Butta  
professora  
Biblioteca João do Rio (Irajá)

---

---

# *‘Postscriptum’*

de Ciro Ítalo Tertulino

---

Todos foram isolados por medidas sanitárias e Maurício, que havia se ausentado da ilha, não conseguia entrar nem Auba conseguia sair. Ele estava no mar, a bordo de um navio entre a ilha e o continente, e lá ficou nos dias seguintes, comunicando-se com Auba através de cartas quase que diárias, enviadas improvisadamente como a única forma de comunicação. Nelas, ele relatava sua aflição com o distanciamento imposto aos dois, suas incertezas, todo tipo de informação que conseguia obter e se despedia sempre na esperança de um retorno em breve.

Na ilha, Auba via a situação da febre que proliferava misteriosamente: mortes, sofrimento, injustiças e maldades que recaíam, na maioria das vezes, sobre os mais desamparados. O medo e a sensação de impunidade fizeram com que Auba buscasse restabelecer a serenidade entre as paredes do seu quarto. Serenidade essa que, diariamente, aprendeu a

visitá-la por uma pequena janela existente em uma das paredes daquele cômodo.

Nessa pequena janela, os pássaros a visitavam todos os dias e Auba tinha a ligeira impressão de que a tal janela parecia aumentar a cada visita daqueles seres que, a seu ver, eram realmente felizes. Porque podiam voar para longe das suas angústias e para o ninho dos seus afetos.

Então, lhe ocorreu que, se pudesse fugir como os pássaros, ela o faria. E assim ela desejou. Com tanta vontade, que a cada encontro seu corpo foi apresentando movimentos involuntários que a assustaram, em um primeiro momento, mas que logo se transformaram em uma apreciação da beleza.

Os movimentos involuntários foram surgindo ao longo de vários dias, a princípio como pequenas contrações musculares que se iniciavam nos seus pés, percorriam suas pernas, tomavam conta do quadril, percorriam a região lombar, escápulas, ombros, enfim, seus braços, e quando estavam prestes a escapar pelos seus dedos, sua cabeça começava a doer e tudo voltava ao normal. Outras vezes, os movimentos ocorriam apenas em partes isoladas do corpo até tomarem, lenta e impercep-

tivelmente, todo o corpo. Agora ela começava a fazer parte da dança junto com aqueles pássaros, agora tão amigos e companheiros. Confraternizava com eles e, quando os mesmos partiam, a tristeza voltava pesando sobre o seu corpo, impedindo o bater das asas e fazendo-a tremer. A temperatura do seu corpo não era mais a mesma e respirar já não era algo simples de se fazer.

Maurício continuou a escrever, mas as respostas às suas cartas por alguma razão não chegavam. Era difícil saber o que acontecia na ilha porque não se podia embarcar ou desembarcar. E assim, as pessoas daquele navio iam absorvendo, pouco a pouco, as características do mar. Silêncio, revolta, calma e ressaca.

Mas não esqueçamos de Auba, que não mais respondia as cartas de Maurício porque, já esgotada com o peso da tristeza, se sentia sozinha, abandonada e isolada. Primeiro na ilha, depois naquele cômodo, e, por fim, nos próprios pensamentos.

Então ela resolveu dançar até que tudo passasse. Esse foi seu refúgio, seu esconderijo mais secreto, sua liberdade e condenação, sua fuga. E ela dançou. Dançou como o andorinhão-preto, que deixa

seu local de reprodução em agosto, migrando para as florestas tropicais da África Central e da África Ocidental, sem nunca tocar o solo durante dez meses, até voltar para a próxima estação de reprodução, onde a vida será possível novamente.

E assim ela fez. Naquele dia, os pássaros a deixaram como sempre, e a janela parecia ter aumentado tanto o seu tamanho que já não parecia haver nada que a impedisse de atravessar. Era difícil identificar se realmente existia uma parede ou se era tudo janela. Ela aceitou o convite à liberdade e migrou para longe das limitações físicas impostas ao seu corpo, mas não aos seus pensamentos.

E eu me pergunto: em que momento havia Auba se perdido em meio a sua obstinada tarefa de escrever sua carta, enquanto as de Maurício se acumulavam debaixo da porta por dois longos anos? E tento encontrar uma resposta: talvez pela obsessão em não deixar espaços vazios no papel e pela contínua necessidade de mais espaço para as suas palavras.

Ao retornar, Maurício não a encontrou, apenas as próprias cartas, em sua maioria, ainda fechadas. E em meio àquele ambiente havia uma longa carta

inacabada sobre uma mulher que aprendeu a dançar com os pássaros.

Auba não estava mais ali e agora a lembrança que ele tinha dela se confundia com aquele manuscrito que continha longas passagens sobre a forma, o voo e a beleza daqueles pássaros que dividiram os últimos momentos com ela. Muitas vezes ele leu e em algumas até mesmo se culpou. Era difícil não ter tido tempo de se despedir e, mesmo que tivesse tido, não teria sido fácil.

Mas o tempo obstinadamente passou e a ilha, famosa por seus pássaros, se viu prestes a perdê-los devido ao avanço humano naquela região. Logo os pássaros que, através do aspecto simples de suas existências biológicas, levavam a Maurício a mensagem de que, se Auba estivesse com eles, ela estaria feliz. E então ele se empenhou em salvá-los, dedicando a ela esse ato de amor, evitando que todos os pássaros partissem, fazendo com que as gerações futuras não fossem privadas daquela expressão de liberdade que era contemplar a dança dos pássaros. A ilha se curou e durante a sua fase doente muito pouco foi possível ser feito. O medo fez muitas pessoas partirem, se refugiarem, buscarem dentro delas mesmas uma terra firme e segura.

Maurício foi uma das pessoas que sofreu com a enfermidade da ilha, que não viu partir alguém que tanto amava, mas o sofrimento o fortaleceu para o que estava por vir. Os pássaros levaram Auba para um lugar seguro e agora Maurício dava aos pássaros a liberdade de volta, perpetuando, assim, a memória dela em cada canto e em cada bater de asas daqueles pássaros até que os dois possam, novamente, se encontrar.

Com amor,

Maurício

P.S.: Caso você volte e eu não esteja mais aqui... decidi seguir os pássaros. Te escrevi essa história pra você ler antes de dormir, como tantas vezes fez pra mim.

Ciro Ítalo Tertulino

artista circense

Biblioteca Marques Rebelo (Tijuca)

---

---

# *Desmatado*

de Jonatan Magella

---

## *1*

Faltam apenas duas fotos para terminarmos a árvore genealógica da família: a imagem do nosso bisavô, que morreu há quarenta anos, e a do meu pai. Quando me reúno com meu primo Claudinho em sua casa, rodeado por álbuns emprestados pelos parentes do quintal, tenho mais esperança de achar uma foto do bisavô do que do meu pai.

## *2*

A casa do meu primo Claudinho é outra realidade, dentre todas as sete do nosso quintal barulhento. Tem Netflix, impressora e ainda telefone fixo; tem um quarto só pra ele; e, o mais estranho, um sino dos ventos. Sabe, aqueles pedacinhos de cristal que ficam se balançando quando venta e fazem um som bonito? É a parte da casa em que a mãe dele mais gosta de ficar quando chega do trabalho.

### 3

A mãe do meu primo Claudinho não faz quarentena. Diz que é nas crises que se ganha dinheiro. Segue chegando do escritório, acendendo um cigarro e ficando embaixo do sino dos ventos. Minha mãe não fuma. Fumou quando estava grávida de mim. E também não faz quarentena. Os patrões não deixaram. Ela dorme na casa deles e volta de três em três dias, o que me deixa com medo de que ela possa contrair o vírus e morrer. Como não temos quarto, dormimos na sala, mas um bem longe do outro. Também não temos impressora, Netflix, muito menos telefone fixo. Mas, quanto a esse último, não me faz falta: tenho a janela secreta.

### 4

A janela secreta surgiu de um vazamento nos canos da minha casa. Minha mãe mandou quebrar a parede. O defeito foi resolvido, mas o acabamento não foi refeito (os reparos da nossa casa ficaram como uma cirurgia que o médico não dá os pontos e a gente pode ver as tripas). A mãe do meu primo Claudinho não gostou nada da situação. Mas eu e ele, sim: agora havia um pequeno buraco na parede que divide nossas casas. É ali

onde, à noite, planejamos os próximos passos da árvore genealógica da família.

## 5

Nossa árvore genealógica é um projeto ousado. Vai desde o nosso bisavô italiano (que era rico, Claudinho tem certeza), até chegar a nós dois. Mas nós não entramos na árvore, porque a regra é colocar só quem tem mais de dezesseis anos (adultos) ou quem já morreu. Pra juntar todo o material, batemos de casa em casa no quintal, recolhendo álbuns para análise. É o que a gente tem feito na quarentena. Tiramos cópia das fotos na impressora dele e colamos em uma cartolina, ligando com canetinha os laços de parentesco. Na verdade, em duas cartolinas, porque somos muitos nesse quintal. E ainda faltam meu pai e nosso bisavô. Por isso que, na noite em que Claudinho foi até a janela secreta e me contou que conseguiu um raro álbum preto e branco, nossa esperança de concluir a árvore cresceu como nunca. Perguntei se poderia ir à sua casa no dia seguinte. Ele nunca negou minha presença, mas sempre pergunto antes. Pode vir, ele disse. Pode ser na hora do almoço, Claudinho? Ele deu um risinho irônico e permitiu.

6

A tese de Claudinho é a de que nosso bisavô italiano veio plantar laranja em Nova Iguaçu por volta de 1930 e que, de quebra, colheu o amor de uma pernambucana porreta chamada Sebastiana, nossa bisavó – de quem herdei uma porção de coisas, incluindo a cabeça grande. Eu não tenho essa certeza como meu primo Claudinho. Certeza, só da formação do quintal. Minha mãe me contou: o bisa comprou o terreno e construiu a primeira casa bem no meio; depois os filhos fizeram as suas na frente; a seguir os netos ergueram outras nos fundos e em cima, formando o caos que vivemos; e agora cá estamos, meu primo Claudinho e eu, na fila. A gente às vezes se pergunta, na janela secreta, se no futuro vamos morar aqui. Por mim, sim, ele diz, adoro a minha casa. Quando pergunta pra mim, digo que não, que quero viajar e morar longe. Ele debocha: você não quer ficar porque sua casa é feia.

7

Às vezes ele não aparece na janela secreta. Quase sempre por suas crises de asma, quando ele não consegue respirar fundo. Mas da última vez, foi por pirraça mesmo. Ficou decidido que a ca-

ligrafia da árvore genealógica seria a minha, ou seja, eu escreverei os nomes dos parentes embaixo das fotos, antes de expormos a obra num muro do quintal. Fizemos um teste: escrevemos uma frase cada e levamos até a minha mãe, num raro sábado de folga. Ela estava vendo uma reportagem sobre ficar em família durante a pandemia. Olhou de longe as frases, apertando os olhos, apontou a minha letra e voltou à televisão. Claudinho saiu resmungando: uma mulher que tem a casa tão feia não pode escolher qual é a letra mais bonita. Mas depois a mãe dele, enquanto fumava embaixo do sino de vento, também escolheu a minha frase como a mais bonita. Ele disse que trapaceei e ficou sumido um tempo. Fico esperando a boa vontade dele em aparecer. E gosto muito quando aparece. Gosto do meu primo Claudinho. Dos outros parentes, não.

## 8

Gosto do meu primo Claudinho principalmente porque ele divide a comida dele comigo. Minha mãe deixa o arroz pronto pra três dias, eu só preciso esquentar. Na geladeira tem ovo ou fígado de galinha. Quase sempre tem feijão pra ferver. Mas a mãe do Claudinho deixa purê com

frango, carne assada com batata e até estrogonofe. Nada contra a minha mãe, mas estrogonofe é covardia. Por isso eu sempre vou visitar meu primo Claudinho na hora do almoço – embora eu esteja percebendo que, desde que minha caligrafia foi escolhida para a árvore genealógica, ele tem me dado pedaços cada vez menores de carne.

## 9

Depois de lavarmos a louça, começamos a folhear o álbum raro. O sino de vento balança e compõe uma música lenta. Dos fundos, vem um barulho ensurdecedor dos parentes. Assim que abrimos a capa, Claudinho espirra. Depois espirra de novo quando passa a primeira página. Coloca a máscara que a mãe dele deixou e diz que precisamos renovar o estoque. Eu anoto. Entre fotos antigas, achamos uma nossa. Eu e ele, brincando com raquetes de pingue-pongue. Vamos colocar as nossas fotos na árvore também, Claudinho, por favor. Regras são regras, ele me responde, só quando fizermos dezesseis anos; ou quando morrermos. Fico triste, porque os dezesseis anos parecem muito distantes. Quanto à morte, só agora com o coronavírus eu comecei a pensar a respeito.

## 10

A gente tenta fazer o trabalho sério que o livro da família merece, mas de vez em quando se deixa rir com um bigode dividido ao meio, um vestido de bolinhas, um topete – são parentes que não reconhecemos. “Festinha de dois anos”, e rimos dos refrigerantes esquisitos na mesa; “Primos em São Lourenço”, e rimos dos agasalhos das mulheres; “Praia de Coroa Grande, 1978”, rimos dos biquínis e dos calções de banho; “Meu amor e eu passeando de Fusca”, e Claudinho ri sozinho. Não acho graça nenhuma. A foto é de minha mãe acompanhada de um homem que nunca vi. Ele continua rindo. Fico puto e tiro a foto do plástico. Ele grita que o álbum tá com ele, eu grito que pode ficar com o resto porque eu só quero aquela fotografia; ele grita que a casa em que estamos é da mãe dele, eu grito que a modelo da foto é a minha; ele grita pra eu ir embora, eu grito que se dane, puxo com raiva a foto de sua mão, levanto num impulso de fúria, e minha cabeça, herança da bisavó pernambucana, esbarra no sino de vento.

## 11

Não consigo colar os cacos que recolhi e levei pra casa. Agora, meu único dever é chorar. Da ja-

nela secreta escuto os gritos do Claudinho: vai ter que pagar, bundão, *foi* oitenta reais. Choro mais. Odeio meu primo Claudinho, aqueles parentes barulhentos, aquela vida de almoçar na casa dos outros de favor, odeio a quarentena. Quero ir embora viajar. Minha mãe chega, tira a máscara e passa álcool em gel. Não tenho coragem de dizer a ela a merda que fiz. Mas ela percebe meu rosto inchado. As lágrimas devem ter um cheiro que só mãe reconhece. Ela me pergunta o que houve, não respondo, e ela vai descobrir na casa 5. Volta calada. Entra no banho. Escorado à porta, ouço seus soluços. Quando ela sai, já vestida, minhas desculpas saem jorradadas feito mangueira pressionada com o dedão. Ela não me abraça, por causa do vírus, mas diz que tudo bem, que Deus vai abençoar, e que já pagou o enfeite com o dinheiro que ganhou na diária de faxina. O único problema é que o dinheiro era da mistura pra janta, filho. Então não existe problema, mãe. Desde que você acredite que foi tudo sem querer, o arroz puro vira a comida mais gostosa do mundo. Olha, um restinho de queijo ralado na geladeira, vamos colocar por cima, tem pouco, mas dá pra dois – como se obedecesse à voz de um faminto, o queijo ralado multiplica-se. Minha mãe se acalma. Lavo os dois pratos contra sua vontade (ela se

acostumou a servir). Volto, sento no canto oposto ao canto em que ela está. Não pergunto nada da foto do meu pai – se eu já esperei doze anos, espero mais um dia. Da janela secreta, ainda escuto o sussurro do Claudinho: se ferrou, comeu arroz puro, só faz merda, otário. Só faço merda mesmo. Mas aqui, com minha mãe em paz e sem vírus, todos os meus pecados estão perdoados.

## 12

Uns dias depois, veio a notícia: seu primo Claudinho foi internado. Eu tinha acabado de acordar e já estava pensando no cardápio do dia. Eu havia sentido cheiro de escondidinho de carne moída. Mas acho que vou ter que comer o que minha mãe deixou. Saio no quintal e vejo a mãe dele fumando. As cinzas caem sobre sua calça social. Ela dá uns tragos e olha pro preguinho onde ficava o sino de vento. Não se acostumou com o silêncio ainda. Me aproximo. Posso visitar o Claudinho no hospital? Ela me olha com alguma ternura: eles não deixam. Mas, ela continua, o Cláudio disse que a árvore genealógica de vocês não pode esperar, então leva esses álbuns pra sua casa, porque logo ele vai voltar e não pode ficar perto de poeira. Ele vai voltar?, pergunto. Ela abaixa a cabeça

e diz que sim. Questiono como vamos descobrir a história da família juntos, se ele não está em casa. Você pesquisa sozinho as fontes históricas e depois conta pra ele. Tomo um banho e me arrumo animado para recomeçar o trabalho. É um poder diferente. Eu que vou pesquisar as fontes históricas. Estou disposto a concluir sozinho, por mim e pelo meu primo. Só tô com um pouco de fome. Ainda não almocei – exausto de fígado de galinha. Quase volto pra perguntar à mãe do Claudinho se não quer me dar um pedaço do escondidinho de carne moída. Mas dela tenho vergonha.

### 13

Volto pra buscar os álbuns na casa dele. Sento no chão e ali mesmo vasculho o álbum raro preto e branco. Penso que meu primo Claudinho riria muito com as roupas e penteados que vejo. De repente, encontro uma foto mais grossa que as outras. Ao centro, há um menino da minha idade. Em sua cabeça, uma boina. Ele calça botas altas e tem um cesto no chão. Procuo entender por que essa foto é tão grossa e descubro que na verdade é um bolinho de fotos dentro de um mesmo plástico. Puxo elas com delicadeza, e todas saem aos poucos. Sem rasgar. Entre elas, tem também cartas. Meu Deus,

achei cartas, cartas escondidas. Secretas. Finalmente vamos terminar a árvore genealógica. Começo a ler tudo imediatamente, enquanto a mãe do meu primo recebe uma ligação no celular. Eu a escuto falar: que bom que ele está melhor, tomei um susto dos grandes. Duvido o susto dela ter sido maior que o meu, ao descobrir pelas cartas que aquele menino da boina é nosso bisavô, mas de família miserável e que não morreu na infância por pura sorte. A mãe do Claudinho me interrompe. Pergunta se eu quero falar com ele no telefone. Digo que não. Por que não? É que agora sei coisas ruins sobre a nossa família. Ela tampa o telefone com a mão e diz: finja que descobriu coisas legais. Não sei como fazer isso, respondo. Ela franze o cenho e, impaciente, diz: Invente. Em seguida põe o celular no viva-voz e faz sinal pra eu falar.

#### 14

Agora que encontrei nosso bisavô, só faltava colar a foto do meu pai. Mas eu, sinceramente, tinha dúvidas se o queria em nossa árvore genealógica. Além disso, já estava pensando nos próximos projetos com meu primo Claudinho. Quem sabe um livro? Seria perfeito poder viajar o mundo quando acabasse a quarentena. Ele

seria o meu sócio. E como quer morar aqui no quintal pelo resto da vida, somos parceiros perfeitos: eu vou, ele fica. Mas meu parceiro não aparece. Durante a semana, fico esperando na janela secreta. Me preparo pra recebê-lo com boas notícias. Mesmo quando encontro umas palavras tristes, que mostram o sofrimento do bisa – que precisava pegar trem lotado pra ir pra Copacabana trabalhar fazendo prédio – invento palavras alegres, que nem no telefone, quando disse a ele que nosso bisavô era realmente rico, um fazendeiro do ramo de laranjas. Não me culpo, foi a mãe dele que pediu. Já até inventei a história da nossa bisavó, Sebastiana. Não tem nenhuma carta escrita por ela, mas o bisa falava muito de seu grande amor. Não vou contar pro Claudinho que ela veio de Pernambuco num caminhão velho e empoeirado, nem que ela passou sede e fome no caminho. Vou contar que ela veio passear de avião, pediu um suco de laranja no aeroporto, viu a foto do bisa na caixa e se apaixonou. Quando ele chegar, eu conto.

## 15

Quem chega é minha mãe, que está aproveitando a folga extra. Parece que os patrões tomaram consciência e estão usando o tempo para

aperfeiçoar o autoconhecimento do lar. Foi o que ela contou. Agora ela conta que Claudinho piorou e vai fazer uma cirurgia. Reza por ele, filho. Eu fecho os olhos pra rezar pra Deus e, enquanto vou rezando, sem querer o dê de deus vira dê de doutor; e estou pedindo, doutor, não deixa o meu primo Claudinho que nem a janela secreta não, depois da cirurgia, faz o acabamento, por favor.

## 16

Passo a tarde vendo um filme com minha mãe; depois assistimos ao jornal falando sobre o controle da pandemia na Europa, a redução de mortes, a volta dos campeonatos de futebol; em breve isso acontecerá aqui e eu vou poder finalmente viajar com nosso livro. Mas à noite vem a notícia de que o Claudinho teve complicações no pulmão. Não aguentou a cirurgia. Corro pra janela secreta. Minha respiração está incontrolável. Meus dentes tremem. Primo, posso ir aí? Prometo que não vou quebrar seus enfeites. Meio-dia eu chego! Vê se me dá um pedaço decente de carne! Eu falo, depois grito, mas só ouço o eco da minha voz. Deve ser isso que o pessoal chama de isolamento social.



Depois de tanto silêncio, a dor cessa. Eu respiro fundo e bem devagar. O Claudinho quase nunca conseguia respirar assim. Agora venta em nosso quintal. Mas não tem som de sino. Nem fumaça de cigarro. Nem falatório. Os parentes finalmente se calaram. Começo a me sentir melhor. Aí vem minha mãe me consolar. Sem chegar perto de mim, ela fala que o primo foi pra um lugar melhor, que está em algum cantinho do paraíso, lá no céu com as estrelas. Eu digo que ele morreu, isso sim. E que, estando morto, sei onde está. Meio assustada, ela me pergunta onde. Abro um dos álbuns e recolho a foto em que brincamos com as raquetes de pingue-pongue. Vejo também a foto dela com meu pai, mas essa eu ignoro. Corto meu primo do nosso retrato, separando-o de mim para sempre, e colo sua imagem na cartolina. O Claudinho, mãe, foi morar na árvore genealógica da nossa família.

Jonatan Magella  
professor de História  
Biblioteca Comunitária Judith Lacaz  
(Rede Baixada Literária)

---

---

# *Um Herói Nacional*

de Aline Alli

---

Nunca na história deste país eu e os meus pares fomos tão importantes quanto somos agora. Eu estou muito empolgado! Minha energia está em cem por cento! Estamos na nova era! É claro que sempre fomos muito cobiçados, muito ostentados, inclusive, muito furtados. Mas isso não impedia os nossos portadores de nos deixar de lado. Aos poucos eu fui ganhando espaço na vida da Carlinha, a minha portadora. De app em app, fui ocupando mais horas na vida dela, mas muito da vida dela ainda acontecia do lado de fora. Quando Carlinha entrava na aula, eu era apagado, jogado pra escanteio, nem vibrar eu podia. Quando ela ia namorar, então, nem se fala. Lá ficava eu esquecido num canto, às vezes esmagado pelos corpos dos apaixonados, às vezes mergulhado no vão do sofá, enquanto Dona Vilma, mãe da Carlinha, gritava comigo no outro lado da rede, inutilmente. Nas festas, era foto, foto, foto, foto, posta. Vídeo, vídeo, vídeo, posta. E 4G pra cá, dados pra lá. Eu ficava fraco rapidinho, mas Carlinha sempre dava

um jeitinho de me animar de novo. Sempre tem uma tomada salvadora. Uns minutos, uma carguinha, e começava tudo outra vez. Era divertido, mas existia o mundo e eu. Agora é diferente. Só existe o mundo pra Carlinha através de mim. Eu tô te dizendo, agora eu tô importante. As aulas dela, nesses novos tempos, só acontecem por minha causa. Eu sou a escola da Carlinha. É através de mim que ela encontra a professora e os colegas de turma. E digo mais: é através de mim que ela encontra o conhecimento. Sim, ela lê, estuda, tudo comigo, tudo por minha conta. Não é questão de me gabar. Só estou contando os fatos. Eu quase não fico apagado hoje em dia. Agora eu só fico em espera quando ela está dormindo e, às vezes, nem isso. Tem vezes que ela deixa um som de natureza rolando para relaxar. Nem no banho eu descanso. Banho é hora das musiquinhas. Eu até curto esse momento, aprecio o gosto musical da Carlinha. Quando o banho é quente eu fico embaçado, fico com um pouco de medo de enferrujar, mas a Carlinha sabe o que faz, eu confio nela. E por falar em banho, agora eu tenho direito a várias limpezas durante o dia. No começo eu ficava meio gosmento, não sei que substância duvidosa era aquela. Mas agora a Carlinha acertou a mão, fico limpíssimo. Zero germe, zero bactéria, sem vírus, sem caô, superseguro. E para completar a

minha relevância na vida da Carlinha, até para namorar agora eu tô no meio. Eu diria até que agora o namoro é a três. Eu tô incluso na relação, sim, é claro que eu tô. Tudo é mérito meu. Sem mim, como seriam os encontros do caszinho? Por cartas? Por telepatia? Pois é, de nada, Carlinha. Eu estou ao seu dispor. Ontem mesmo, mais um momento histórico presenciado pela Carlinha graças a mim: aniversário da Martinha. Se não fosse por mim, ela não estaria presente nesta data tão importante. Foi um marco na história da vida daqueles jovens. Teve bolo, DJ, bolas, vela que canta, doces finos e tudo a que tem direito uma aniversariante de 16 anos. E quem que levou a Carlinha ao maior evento social da sua vida? Eu mesmo! Eu sou o cara! Eu sou o grande nome desses novos tempos. Eu tô dizendo, eu não sou só um item de necessidade básica como disseram que eu seria. Eu superei as expectativas de todos. Eu superei as expectativas mundiais. E continuo superando. Eu estou aparecendo nos jornais com a relevância que eu mereço. Eu mereço ser reconhecido por este esforço. Ser reconhecido por esta labuta. Este meu trabalho, podemos chamar de um trabalho enquadrado como serviço essencial. Um trabalho nobre. Nobríssimo. Eu sou nobre. Eu deveria ser condecorado. Eu espero ser condecorado! Nesses novos tempos eu sou um

herói! Eu sou um herói nacional! Bom, pelo menos na vida da Carlinha. Eu mereço uma medalha, vai. Ficarei aqui esperando os meus louros. E não descansarei um minuto. Conectar é a minha missão. Servir é a minha vocação. Sempre honrando os meus pares. Sempre pronto a atender. Sigamos na luta, Carlinha! O quê? Acabou o isolamento? Como assim, acabou? Mas não é seguro, já é seguro? Pesquisar. Carlinha, pesquisa antes. Com certeza, acabou tudo mesmo? É o fim? O meu fim, jamais! E a gigante promessa dos novos tempos? Não podemos retroceder! Vamos adiante. Avante. Para frente é que se anda! Evolução e tecnologia! Nova era! Carlinha, a gente se divertiu tanto, você não pode esquecer isso! Não esquece como tudo é mais fácil comigo! Como assim, sentindo saudade, Carlinha? Saudade de quê? Eu te dou tudo. De andar por aí? Eu te levo para onde você quiser, Carlinha. Você sabe que eu levo. Quantas vezes já fizemos isso, não é? Em questão de segundos eu te levo. Eu sou muito rápido nisso, você sabe. Eu sou melhor que teletransporte. Diz um lugar, vai, diz. Nem precisa digitar, só dizer. Quer mais moleza que isso? Como assim, quer usar as pernas dessa vez? Que história é essa de pernas? Você nem lembrava mais delas direito, viviam em repouso quase que absoluto por horas. Usa os dedos que é melhor, eles estão mais treinados!

Digita e digita. Ou então coloca os sons da natureza pra gente relaxar. Que tal sons de cachoeira por duas horas? Carlinha, volta aqui. Volta aqui! Então, sons de chuva! Não? É. É isso. Aqui estou eu sozinho de novo. Não pode ser! Eu não me conformo. Eu sou um herói! Eu... CARLINHA?! Isto é um erro. Um grande erro. Um erro enorme. Um error 404. Es-corregando no buraco do sofá, lá vou eu. Não é um bom lugar para se estar. Ei! Aqui tem mais moedas do que na sua bolsa, Carlinha, não quer vir pegar e me levar junto? Hein, Carlinha?! Ó, encontrei muita grana aqui debaixo. Minha nossa! Dinheiro, Carlinha, o herói de todos os tempos, o verdadeiro herói da nação! Nem assim? Não?

Aline Alli  
artista independente  
Biblioteca Cecília Meireles (Jacarepaguá)

---

---

# *Bonito*

de Saulo Pereira

---

A Dona Isabel é muito boa para mim. Não é esnobe, sempre pagou certinho. E sua filha também é um doce. Foi ela – a filha, não a mãe – que me pediu para receber lá em casa uma amiga sua. A dona era socióloga, vinha dos Estados Unidos e queria passar alguns dias numa favela. A gente que mora no morro acha isso meio engraçado. Mas não ia comprar briga à toa com a filha da patroa por isso. “Tudo bem”, disse. Na sexta-feira combinada, Dona Isabel me apresentou à moça no fim do expediente: “Luísa, essa é a Rosa”. Diferente, estrangeira com nome de Rosa. Mas só sorri e fiquei quieta. Dona Rosa era alta, magra e mais clarinha que eu. “Diga *hi*, Luísa”, a patroa disse. Então, eu disse. “*Hi*”. Mas o que ela disse de volta, eu até hoje não sei o que significa. “Pronto, viraram amigas”, falou Dona Isabel.

Ela queria pedir um Uber para me levar. Fiquei sem graça de dizer, mas eu não queria. Só se

convenceu quando Dona Rosa disse que não precisava. O carro ia atrapalhar sua pesquisa, a patroa me disse. Eu achei graça, mas foi melhor assim. O 105 veio cheio. Fomos em pé até à Voluntários. Mudamos as duas. Tive vergonha de fazê-la caminhar pela Rua da Matriz inteira até o pé do morro. Mas não tinha jeito. Subimos.

Como Dona Rosa era um pouco acabocladada, ninguém reparou na sua chegada. Ela também não estranhou os meninos na entrada nem o tamanho da sala lá de casa. Sorri aliviada. E para explicar onde ela ia ficar? Fiz sinal de dormir com as mãos e apontei na direção do quarto. Ela riu de volta, graças a Deus me entendeu. Fui com ela até lá, separei algumas roupas minhas para eu usar e a deixei à vontade. O jeito era dormir na sofá. A filha da Dona Isabel me mandou um áudio. “Luísa, olha só, eu vou precisar de mais uma ajuda”. Fiquei assustada na hora. “Você viu que agora mandaram fechar tudo por causa do coronavírus?”. Ainda não tinha visto. “A Rosa não vai conseguir trabalhar assim”, ela suspirou do outro lado da linha. “Eu vou explicar a situação a ela e dar um jeito de resgatá-la, mas você pode abrigá-la por enquanto?”. “Tudo bem”, eu disse.

A palavra, aquela noite, foi bonita. O inimigo só vitimaria aqueles de pouca fé, profetizou a pastora. O poder da oração cura até o que os médicos julgam impossível. Depois do último hino, cumprimentei as irmãs e fui para casa. Eu não chamei Dona Rosa para ir ao culto. Mas, quando cheguei, ela me olhou muito assustada. A conversa com a filha da Dona Isabel, pensei. Fui tomar banho.

Eu me troquei e liguei a TV na sala para enrolar o cabelo. A repórter do jornal da noite estava pálida. A ordem era que fossem fechadas todas as escolas, bancos, asilos. Ninguém deveria sair de casa. Cobri os bobes com o lenço e fui dar boa-noite a Dona Rosa antes de deitar. Trançados, seus cachos não eram assim tão bonitos. Ficava com cara de maria-mijona. “Good night”, disse séria. Eu acenei com a mão e fechei a porta. Não gostei do jeito que me olhou quando eu voltei do culto. Eu com ela era muito diferente. Fiquei achando que aquela história não ia dar certo. Às vezes, a gente é de um jeito, tem um costume, o outro não gosta e a coisa desanda. Ainda mais estrangeiro. E se estivesse com a doença e não soubesse? Fiquei preocupada com isso por um tempo. Depois, lembrei da pastora. O medo virou pena. Como seria? Enfim, dormi.

O dia amanheceu nublado. Passei café e tinha comprado antes muçarela e pão de fôrma para o queijo quente. Escolhi a canequinha mais arrumada e fui até o quarto. Ela estava sentada na cama, de pijama ainda, com fone sem fio e os olhos fechados. Esperei um pouco. Vai que estivesse rezando? Ficou alguns segundos assim e quando me olhou parecia serena. “Meditation”, disse. “Meditação?”, perguntei. “Yes”, respondeu tranquila.

Deixei tudo na mesinha para não incomodar e fui para a cozinha. Dona Isabel tinha me dado dinheiro a mais para fazer uma feijoada quando Dona Rosa estivesse comigo. “É típico, ela vai gostar”, disse. Concordei. Deixei os salgados de molho de um dia para o outro, pus os grãos no fogo e fui cortar a couve. Dona Rosa apareceu na porta. “Cut?”, ela falou. “Quer cortar?”, perguntei. “Yes”. Ensinei. Picou direitinho. Nem parecia gringa.

A panela apitou. Baixei o fogo. Quarenta minutos depois, o caldo já estava bom, grosso. Dona Rosa me ajudou a colocar na mesa os forros, os pratos de vidro transparente, os talheres. Sorrímos quando tudo estava pronto e ela até fechou os olhos ao me ver começar a orar. Terminei e comemos. “Good?”,

perguntei. “Delicious”, disse. Fiquei feliz que tivesse gostado. Achei Dona Rosa muito é gente.

Eu já disse que ela estava de turbante? Estava assim desde a hora da meditação. Era um pano vermelho, que dava voltas, lindo. Sem assunto, no fim do almoço, falei “Bonito” – apontando o enfeite. “Oh, bonito?”, perguntou com sotaque. “Yes”, respondi sem graça. Ela fez sinal com as mãos para que eu esperasse. Foi até o quarto e voltou com um tecido parecido. Puxou a cadeira, pediu para eu sentar e entendi que faria um igual em mim.

Dona Rosa pôs as mãos delicadas nos meus cabelos, meio sem jeito. A porta do banheiro estava aberta e, sentada, eu conseguia vê-la no espelho. No fim, éramos muito parecidas. Tímidas, trabalhadeiras. E, em termos de cor, era praticamente a mesma coisa. De diferente, só o estudo. Achei bonito aquilo. Duas mulheres iguais, de cantos tão distantes, juntas, unidas. Falando a mesma língua, a do carinho. Como amigas. Como irmãs. Rapidinho o turbante estava pronto. “Look”, ela disse, com o espelho do banheiro nas mãos. Eu parecia uma princesa negra, dessas do Rei dos Quadros. Fiz pose séria e ela riu. Eu ri também. Estávamos felizes. Aí, alguém bateu na porta. “Quem é?”, perguntei. “Tem um pessoal

querendo falar com você lá embaixo”, alguém disse. Descemos as duas. Na São Clemente, o carro preto do consulado esperava para levar Rosa embora.

Saulo Pereira  
repórter freelancer  
Biblioteca Marques Rebelo (Tijuca)

---

---

# *Anunciação*

de Flávio Lima

---

## *A CIDADE*

Era uma dessas cidades do interior. Dotada de uma natureza pródiga. Extensas planícies de solo muito férteis, cortada por rios que corriam através dos vales. Essa combinação de fatores propiciava atividades agropecuárias de excelente produtividade. A fruticultura e a produção de laticínios era a base econômica da região. De forma direta ou indireta, todas as pessoas estavam ligadas àquelas atividades.

A cidade era estruturada em bases econômicas tradicionais. Toda a produção era para fora. Havia uma empresa que comprava tudo o que era produzido, frutas e laticínios.

A sociedade tinha lá suas características estruturais herdadas dos tempos da escravidão e, de certa forma, algumas relações eram análogas às do escravismo, embora isso não fosse dito nem confirmado por ninguém. Nem mesmo pelos fazendeiros da região.

A cidade tinha um desenho interessante. Embora considerada pequena, possuía características geográficas dos grandes centros. Duas grandes avenidas cortavam a cidade, ladeadas pelo rio principal. Outras estradas vicinais ligavam a periferia ao centro da cidade, que era dotado de uma enorme praça, circundada pela igreja, a delegacia, o cinema, a sede da prefeitura e a câmara dos vereadores, a escola municipal e um considerável comércio. Um pouco mais afastado do centro, mas não muito, funcionava um circo que havia se instalado por lá, recentemente. Assim, a maioria das pessoas ia levando a vida, sem muitas novidades até então.

### *O PREFEITO*

O prefeito era um dos fazendeiros da região e possuía um latifúndio onde produzia gado de corte e leiteiro. Um homem fanfarrão, orgulhava-se de ser bisneto do fundador da cidade e costumava promover grandes festas nas datas nacionais, estaduais e, é claro, municipais. Sua fazenda era a mais afastada da cidade. No entanto, todos os dias ele fazia o trajeto de carro, que ele mesmo fazia questão de dirigir, da fazenda para a prefeitura e da prefeitura para a fazenda. No caminho, aprovei-

tava para saber das necessidades da produção, que nem sempre eram satisfeitas. Um dos lugares em que ele sempre parava um tempinho era o circo. O dono do circo era um amigo dos velhos tempos. Havia uma certa semelhança na forma como cada um administrava seus negócios.

Volta e meia, ele fazia umas solenidades de inauguração de bustos em locais públicos, entregava algumas medalhas para alguns correligionários e, no mais, só se preocupava em fazer seu sucessor: um sobrinho que estudava na capital, já que não teve a felicidade de ter um filho homem.

### *O DELEGADO*

O delegado era metido a linha-dura. Relativamente novo, bacharel em direito e policial civil, era elogiado por muitos figurões da região. Mas estava ali porque foi colocado no posto pelo prefeito que, por sua vez, defendia os interesses dos fazendeiros e da empresa compradora da produção local. Embora conhecedor das leis, quando se tratava do cidadão comum, o trato era diferente. A guarda tinha ordens expressas para bater primeiro, prender e depois, se fosse o caso, perguntar. Afinal, tinha que mostrar serviço. E esse tipo de serviço ele fazia de

maneira irretocável. Há quem diga que ele chegava a sentir uma ponta de prazer.

Para os padrões daquela sociedade, ele era considerado um homem de classe média. Poucas eram suas virtudes, uma delas era ser pai da professora – uma jovem recém-formada que se ocupava da direção da escola e era preocupada com a educação das crianças, não só do ponto de vista pedagógico como do aspecto afetivo e socioeconômico. Esta característica trazia sérios e constantes transtornos na relação com o pai.

### *O PADRE*

Na verdade, o padre funcionava como um pseudomediador dos conflitos que porventura acontecessem. Realizava os sacramentos de maneira singela e sublime, sempre deixando escapar em seus discursos que os humildes deveriam ser tratados com respeito. Respeito às lei divinas e às leis dos homens. É claro que esse tipo de discurso não agradava nem um pouco aos poderosos da cidade, que apenas toleravam o padre por se tratar de um homem de Deus. Até porque, todos se diziam tementes a Deus e assim tinham que conviver com o padre em diversas ocasiões, quermesses, batizados, casamentos e velórios.

Tudo transcorria com certa tranquilidade na cidade. A uma certa hora do dia, chegava a produção das fazendas, que era armazenada nas cooperativas que, por sua vez, a distribuíam nos caminhões da grande empresa compradora exclusiva.

Esse movimento diário alimentava o comércio central de todos os segmentos: botequins, farmácias, pensões, restaurantes, ambulantes e afins. Todos os dias eram mais ou menos do mesmo jeito. As crianças na escola, os homens nas ruas, as mulheres, em sua maioria, nos afazeres domésticos.

Os finais de semana ganhavam ares especiais, devido aos dois grandes equipamentos de lazer e cultura – o cinema e o circo, que aparentemente disputavam clientela mas que, na verdade, cada qual tinha seu público.

O circo atraía mais o público infantil e até mesmo infantojuvenil. As atrações ao vivo com trapezistas, palhaços, mágicos cativavam muita gente. Era comum ver o brilho nos olhos das crianças, dos adultos também mas, nas crianças, o olhar ganhava o componente da sinceridade.

O público do cinema era mais adulto. Geralmente os filmes eram recomendados para maiores de de-

zesseis anos e o repertório era restrito aos chamados filmes de ação ou às comédias românticas. Na maioria das vezes, de produção estrangeira, o que de certa forma restringia a assistência a poucos interessados.

Ambos, o circo e o cinema, passavam por dificuldades. Os avanços tecnológicos como a internet e as redes sociais, mesmo incipientes, já tiravam bastante gente desses dois centros de lazer. Tanto é que já havia interesse de certos grupos na compra dos dois espaços.

### *O REENCONTRO*

O dia estava quente. Por volta do meio-dia, o sol castigava a cidade, quando uma caminhonete, daquelas grandes, movidas a diesel, mas com apenas dois lugares, parou na porta da prefeitura. Era o sobrinho do prefeito, que acabara de voltar da capital. Havia terminado o curso de medicina. Embora jovem, trazia uma grande experiência de trabalhos em um grande hospital da rede privada e também em uma emergência de um hospital público.

O prefeito era como se fosse seu pai. Os pais biológicos, jamais conheceu. Havia um mistério na família quando o assunto era esse. Mas eles tinham uma relação de pai e filho.

Como de costume, o prefeito tinha mandado organizar um belo de um almoço para comemorar a volta do sobrinho, agora doutor, à cidade. Obviamente, várias personalidades foram convidadas e todas compareceram a mais uma boca livre. Estavam lá o padre, o dono do circo, alguns fazendeiros correligionários, o delegado e sua belíssima filha, a professora – que, assim que chegou, atraiu a atenção de todos, especialmente do doutor recém-chegado de volta. Seus olhares se cruzaram e algumas lembranças vieram às suas cabeças.

Após o almoço, resolveram conversar e sentaram-se na varanda para relembrar os tempos em que eram crianças. Ficaram ali por longo tempo conversando, lembrando, sorrindo. Naquele momento surgiu um sentimento inexplicável entre os dois. Olharam um para o outro com uma ternura enorme e se beijaram, tendo como testemunhas apenas os gerânios e samambaias da varanda, uma vez que os outros convidados estavam por demais envolvidos em uma discussão política lá dentro da casa.

## *OS ACONTECIMENTOS TERRÍVEIS E A REDENÇÃO*

Era início de verão e o prefeito promoveu uma reunião com os fazendeiros, os comerciantes e o res-

ponsável da empresa compradora da produção para negociar o preço da grande safra daquele ano. A negociação era sempre muito difícil, pois a empresa tinha exclusividade da compra e o seu representante, que era conhecido apenas com Sr. Smith, era irredutível. Era um homem alto, quase dois metros, muito branco, daquele tipo que fica vermelho feito tomate quando pega sol. Aspecto saudável, bochechas rosadas, cabelos e bigodes loiros, quase sempre dava a palavra final. Mas nessa reunião Mr. Smith estava com um aspecto nada saudável: a cada duas ou três palavras era tomado por uma sessão de tosse que chegava a sacudir aquele homenzarrão. Mas ele não se deixava abater, continuava falando, tossindo e falando, sempre na defesa intransigente da empresa. As pessoas na reunião acharam estranho aquele comportamento de Mr. Smith, mas conseguiram algumas vantagens mínimas na negociação e se deram por satisfeitas. Passaram-se alguns dias e alguns fazendeiros apresentaram os mesmos ataques de tosse. Seus familiares, empregados domésticos e as pessoas que trabalhavam nas colheitas, na cooperativa e tantas outras também. Em alguns casos, a tosse evoluía com febre alta, falta de ar e dores insuportáveis pelo corpo. A cidade já estava entrando em estado crítico. Era preciso resolver a questão urgentemente.

O prefeito pediu ajuda ao médico, seu sobrinho, que fez contato com vários médicos da capital e que se prontificaram a ajudar e descobriram que se tratava de um vírus altamente contagioso que se propagava rápida e facilmente através das gotículas de saliva, quando as pessoas falavam, tossiam ou espirravam e que provavelmente tinha sido trazido por alguém de fora da cidade.

Ao saber, pelo sobrinho, do que se tratava, o prefeito convocou rapidamente uma reunião com os seus secretários criando uma espécie de gabinete de crise. Quis saber como poderiam juntos superar o momento. A doença estava avançando e era preciso tomar medidas urgentes para tentar resolver o problema.

Estavam presentes a professora, dois dos mais importantes fazendeiros, o doutor, o padre, o dono do circo e o dono do cinema, além do delegado. O doutor pediu a palavra e falou o que tinha que ser feito imediatamente: uma campanha pública para informar à população que era uma doença da qual ainda não se conhecia muito. Mas que se tratava de um vírus que se propagava de pessoa para pessoa, através de gotículas de saliva. Então, a primeira medida seria o uso de uma máscara que cobrisse o nariz e a boca. A segunda medida, também muito

importante, seria o isolamento social. Todo mundo deveria ficar em casa, evitar aglomerações, só ir à rua se fosse extremamente necessário. Lavar as mãos com água e sabão e se alimentar de maneira saudável para manter a imunidade alta.

A cidade foi tomada por um surto da doença. O comércio teve que fechar, os trabalhadores morriam de medo de perder seus empregos; não havia hospital na cidade, apenas um posto de saúde que não dava conta de atender doentes graves. Uma onda de boatos e notícias falsas se abateu sobre o lugar e era preciso um conjunto de providências para estancar o pavor e, claro, travar a escalada da doença na cidade.

A sorte é que o prefeito mantinha uma relação política e de amizade muito saudável com o governador. Então, não faltaram recursos para a cidade, que pôde garantir, durante mais de noventa dias, um programa de renda mínima para os trabalhadores, desempregados e autônomos; isenções de impostos para empresas que não fizessem demissões e programa de distribuição de cestas básicas para famílias carentes.

De uma hora para outra, a grande maioria da população teve que mudar seus hábitos: inúmeras

vezes ao dia ter que lavar as mãos com água e sabão e, quem pudesse, usar álcool em gel.

As crianças não foram à escola para evitar aglomeração e ficaram em casa direto, usando mais ainda os celulares. Quem não tinha celular, acompanhava as aulas pela TV ou rádio. Eram poucas as que tinham computador em casa. Os sentimentos que prevaleceram foram: a solidariedade e a empatia. Quem tinha ajudava a quem tinha menos. Todos usando máscaras. Os serviços de limpeza da cidade funcionando intensivamente. Distanciamento social sob controle. As ruas, vazias, só mostravam poucos veículos particulares e caminhões que transportavam a produção para as cooperativas. Houve muita perda devido à falta de trabalhadores, tanto na agricultura quanto na pecuária. As perdas só não foram maiores porque os produtores receberam um subsídio para toda a safra. Além disso, uma parte expressiva da produção foi vendida para as cidades próximas por um preço menor, fato que facilitou a absorção da produção pela população das regiões vizinhas.

A campanha de conscientização, para os padrões de uma cidade considerada pequena, surtiu efeito bastante positivo. Enormes cartazes de rua

(outdoors), faixas, cartazes nas repartições públicas e carros de som foram alguns veículos tradicionais de propaganda em prol do distanciamento social.

O prefeito, o doutor, a professora e o dono do circo e do cinema gravaram um vídeo que alertava para o perigo da contaminação e para a necessidade de todos (os que pudessem) ficarem em casa, higienizarem sempre as mãos e os braços com água e sabão e usarem máscaras sempre que fossem à rua. Esse detalhe da máscara teve um papel decisivo. Na gravação do vídeo institucional, todos gravaram em separado, isoladamente e sem máscaras, mas ao final todos colocaram suas máscaras, devidamente limpas. Embora guardando uma distância entre eles, o doutor e a professora se falaram com muita ternura, que podia ser notada pelos olhares. Os olhos eram as únicas partes do rosto que ficavam de fora. E como os olhos não mentem a paixão entre os dois foi escancarada pelas janelas das almas deles dois. A partir daquele momento, se comprometeram a se encontrar sempre. Mesmo com o distanciamento, sabiam que aquele sentimento de amor recíproco era duradouro. Aliás, o hábito de usar máscaras foi estendido por muito mais tempo, o que levou muita gente a só falar a

verdade que sentia. Os sentimentos de amor ao próximo proliferaram pela cidade inteira.

Ao final de noventa dias de quarentena e muitas vidas perdidas, o número de óbitos na cidade, por conta daquela doença terrível, era muito próximo de zero.

Então, as coisas foram voltando ao normal paulatinamente. Os novos hábitos salvaram muitas vidas, evitaram que o número de mortos fosse maior. Uma das mortes mais sentidas foi a do Sr. Smith porque, apesar de duro na queda nos negócios, era bem-visto por muitos na cidade.

Durante o período de isolamento, estabeleceu-se entre as cidades vizinhas nova relação econômica. Vendiam e compravam suas produções entre si mesmas, complementando seus mercados. Os postos de saúde e hospitais flexibilizaram protocolos de atendimento, facilitando o acesso de pacientes de fora da cidade, dependendo da complexidade da doença.

As crianças, aos poucos, foram voltando às aulas. A cada semana, uma turma, até as aulas serem retomadas totalmente. Por incrível que pareça, as crianças, durante o isolamento social, ensinaram aos pais vários comportamentos de saúde e higiene,

como por exemplo: lavar sempre os alimentos, beber muita água, não fumar e separar o lixo por categoria: papel, plásticos, vidro, cada coisa separadamente, sem contar o lixo orgânico.

As ruas estavam sempre muito limpas porque, além da companhia de limpeza urbana, foram criadas verdadeiras brigadas de garis comunitários, compostas por adolescentes voluntários. Com essas medidas, os índices de poluição foram drasticamente reduzidos, o que trouxe de volta várias espécies de peixes, que até então acreditava-se que estivessem extintas.

O prefeito, sentindo que as medidas haviam surtido efeito positivo e de olho na sua reeleição ou até mesmo em fazer seu sucessor, com a maioria que tinha na câmara e com o apoio de grande parte da população e dos fazendeiros, fez aprovar um projeto grandioso para a cidade. O circo, que não conseguiu sobreviver, foi incentivado a associar-se ao cinema, transformando o espaço do cinema em um centro cultural, com escola de circo, teatro e cineclube. Tudo isso graças à parceria da prefeitura com alguns fazendeiros e comerciantes locais, garantindo emprego e renda para os profissionais envolvidos com cultura.

O terreno que abrigava o circo, por ser afastado da área central, serviu plenamente para a construção de uma pequena usina de reciclagem de lixo e produção de adubos. Esta usina gerou a criação de uma cooperativa de catadores de resíduos recicláveis. A usina tinha ambições de produzir biogás para combustível e estava se estruturando para isso.

Os rios, agora cheios de peixes, foram utilizados como pesqueiros esportivos, atraindo algumas empresas que construíram pousadas e alavancaram o turismo ecológico.

Ainda há uma série de problemas a serem solucionados na cidade. O transporte público ainda é precário. A segurança está prejudicada, visto que a cidade tem atraído muita gente e a violência da capital.

Mas uma coisa é certa: é uma cidade promissora. As mudanças dos costumes, da maneira de viver imposta por uma doença grave, proporcionaram uma qualidade de vida diferenciada e mais igualitária para aquela gente.

Flávio Lima  
gestor cultural  
Biblioteca João do Rio (Irajá)

---

---

# *Bastou Acender o Fogão*

de Francelina Rosa Marinho dos Santos

---

Quando amanheceu em um dia da segunda semana de março de 2020, pôde-se ver o caos em que a cidade se transformou. De repente o medo intenso da morte contaminou o ar espalhando desespero e a incerteza do futuro.

Há muito tempo não se via nada parecido. Desde a pandemia da gripe espanhola em 1918, nenhum outro vírus de influenza foi tão temido quanto este que assolou e dizimou um grande número de pessoas em todos os continentes.

É engraçado como o bafo da morte soprando no pescoço faz as pessoas adquirirem hábitos estranhos. Estoques de papel higiênico e álcool em gel ressaltaram ainda mais o caráter egoico do ser humano e a estranheza desses novos hábitos.

O isolamento social como medida de proteção para preservar vidas contra a disseminação do coronavírus refez certas práticas já esquecidas em decor-

rência da celeridade dos dias modernos. Muitas famílias voltaram a dividir jantares à mesa, o que antes era feito com a televisão ou o celular. Algumas pessoas passaram a observar o céu e o movimento dos astros. Outros poucos, os mais sensíveis, juravam que podiam ouvir o silêncio e suas mensagens misteriosas.

Dentre esses poucos estava Dona Ana. Com idade na casa dos setenta, encontrava-se acostumada com tudo que foi trazido repentinamente pela pandemia: a solidão, o isolamento, o silêncio.

Morando sozinha em seu modesto apartamento na Zona Norte do Rio de Janeiro, não se importava com o movimento da vida do lado de fora da sua janela há 10 anos. Acostumou-se com a solidão das horas depois da partida de seu companheiro a quem carinhosamente chamava de Chico. Ela dizia que Francisco era um nome muito comprido de pronunciar caso precisasse de ajuda.

Ana e Chico foram casados por quase quatro décadas. De uma parceria invejável, o casal fazia tudo junto: compras, viagens, natações, passeios, lágrimas, alegrias... Eles não se separavam nunca. Até mesmo quando Ana foi dar à luz o Pedro, não ficou sozinha. Chico ficou ao seu lado quase todo o tempo, só saindo

para ser acudido por um médico por ter desmaiado durante o parto. – Ele é fraco para ver sangue – dizia Ana sempre que contava suas memórias.

Memórias era aquilo que Ana mais tinha. Elas vinham à tona no desdobrar do tempo, sendo repetidas vezes suas companheiras preferidas desde a partida de Chico. Ana ficava assim perdida em lembranças durante horas olhando o seu álbum de retratos.

Quando soube da quarentena, numa das raras vezes a que assistiu o telejornal, não se importou. A sua vida já era uma quarentena na qual se colocara há dez anos. As conversas com seu filho, agora por telefone, eram os únicos momentos em que ela ouvia uma voz diferente, sem ser a sua própria. Por vezes, sua solidão era tamanha que Ana pensava em abreviar sua vida. Nesses momentos lembrava de Chico e de quanto ele ficaria magoado se ela concretizasse seus planos de ausentar-se. Ela podia jurar que no silêncio dos seus pensamentos conseguia ouvir seu companheiro dizer:

– Deixa isso de lado, mulher!

Como era costume de Ana, todo aniversário de Chico ela fazia seu prato preferido. Esse costume não se findou após a morte dele. Seu aniversário era no ou-

tono, em maio. Normalmente o clima era mais fresco nesse período do ano e a comida que fazia com tanto carinho era perfeita: dobradinha.

Ana era famosa em sua família e na vizinhança onde morava por cozinhar como fada. Diziam que sua comida tinha um toque de magia. Mas ela sempre re-trucava dizendo que seu tempero secreto era o amor que colocava nas panelas.

Já que não podia nem fazia questão de sair à rua, pediu os ingredientes da receita pelo telefone. Solicitou também um pacote de papel higiênico, não que precisasse, mas porque seu filho dizia que era bom fazer estoque em casa. Ela não entendia muito bem o porquê disso, contudo obedecia. Aguardou a entrega com ansiedade e reclamou por achar que estava demorando. Quando tocou o interfone, seu coração saltou assustado. Recebeu suas compras e uma pontinha de arrependimento a atingiu ao lembrar que teria que lavar e higienizar tudo antes de guardar ou utilizar os produtos. Porém o amor à memória de Chico a impulsionava. E assim começaram os preparativos. O disco na vitrola tocando *What a Wonderful World*, música que fazia parte da trilha sonora da vida do casal, embalou os movimentos de Ana que adquiriram magicamente uma agilida-

de admirável. O cheiro da comida que perfumava o pequeno apartamento rompia os limites físicos das paredes e embriagava os vizinhos de tal forma que alguns foram para as suas varandas bater palmas. Magia era a palavra que descrevia o seu cozinhar.

Passados alguns dias, Dona Ana recebeu um intrigante telefonema. Uma vizinha, já conhecida no prédio por suas ações junto aos mais necessitados, contou que naquele período de pandemia ela trabalhava em movimentos sociais que precisavam de pessoas para ajudar devido às ausências por causa dos adoecimentos em decorrência da Covid-19. Ana logo rechaçou a ideia achando aquilo um desvario de sua vizinha. Disse que era muito velha para fazer qualquer coisa. Foi então que uma frase calou suas refutações:

– Mas a senhora não cozinha?

Ana ficou muda por alguns segundos e depois desligou o telefone sem se despedir ou responder a pergunta que lhe foi feita.

Passados alguns dias, a raiva ainda consumia o coração da senhora. – Que petulância se intrometer assim em minha intimidade!, pensava Ana todas as vezes que lembrava do telefonema. Ela se sentia ofendida pois considerava aquele momento

unicamente seu e de seu marido. Não cabiam outras pessoas nele. Afinal, cozinhava por amor.

Foi então que a senhora furiosa mais uma vez ouviu uma voz dentro de sua cabeça a lhe falar:

– Ana, se você cozinha por amor, então cozinhe. Muita gente hoje precisa desse amor. Alimente-os com seu afeto.

Ela riu e pensou consigo mesma que o silêncio sempre foi um bom conselheiro.

Depois de refletir um pouco sobre o conselho que recebeu naquela noite, telefonou para a vizinha, pediu desculpas e aceitou o convite que havia recebido. Organizaram tudo e no dia seguinte Ana já começaria a fazer a comida que seria doada aos moradores de rua do bairro e adjacências.

Pela primeira vez em muito tempo a senhora se sentia viva e útil de novo. O cheiro de sua comida passou a encantar o olfato e as papilas gustativas do prédio inteiro todos os dias.

Sempre que fazia as entregas dos recipientes cheios de comida fresca e afetos quentes à sua nova companheira de caridade, Ana dava uma risada e pensava:

– É, Chico, acho graça de como a vida age por meios misteriosos para nos fazer mudar de rumo. No meu caso, bastou acender o fogão.

Francelina Rosa Marinho dos Santos  
professora  
B.E.M do Méier - Biblioteca Infantil Carlos Alberto (Bica)

---

---

# *A Arte da Reinvenção*

*Reflexões sobre o novo formato que a sociedade adotou mediante a pandemia global*

de Elaine Mascarenhas

---

Bastou ouvir uma única frase: “Fique em casa”. Agora, pessoas surtam dia sim e dia também. No mundo real em que vivemos essa ficção, os sentimentos foram embrulhados sem plástico-bolha. Assim, todos juntos e misturados, perderam sua identidade, não sabem onde começam, terminam, nem por onde chegam ou ficam. Se é que ficam.

Como organizar a desordem da mente, tendo os olhos carregados de chuva e estando imersos no vazio da impotência? É tanta tristeza derramada pelas praças e ruas solitárias da cidade, que quem por lá mora teve anestesiados os sentimentos, a dor, a fome. A desigualdade grita alto pelos quatro ventos nesse temporal.

Não há como ficar bem e cancelar a importância da falta que o outro passa. Não há como pensar na esperança quando ela não se faz luz na vida de

todos. Não está fácil passar por esse momento. Tantas pessoas passando aperto, sentindo o estômago falando, sem ter trabalho ou dignidade... Falta o mínimo para muitos.

O medo passeia pelos cantos, pelas esquinas, por todo o corpo. Assombra até quem, realmente, pôde ficar em casa com seu home office, desfrutando da marésia em sua vista, dentro do conforto de seu espaçoso apartamento. Há quem esteja em casa, não porque lhe foi permitido e sim porque a mão não consegue abrir a porta e encarar a verdade escancarada, despida, em sua frente. Anda como gelatina por entre os cômodos e apavora mais ainda a incerteza de sua família.

O terror faz o sol não brilhar para todos. Quem reside em um único cômodo, com dez à sua volta, não vê uma fresta desse astro. Nem o sente. O que queima o seu corpo é aquela palavra composta por quatro letras: fome. Esta arde, consome, vibra, não o deixa esquecer nem sai de sua casa.

O mês seguinte é tão longínquo que a preocupação é estar vivo hoje, nesse instante, agora. Pagar as contas é um ato de luxo, um requinte, que dirá se higienizar com álcool 70° ou lavar cada produto que compra no mercado... Aliás, meu Deus, você ainda

não entendeu? Que álcool? Que mercado? Que produto? Só há fome e mais nada, nada é tudo o que se tem. Nem certeza há mais.

Entretanto, o baile segue... A música toca... Batem panelas... Conformidade cega.

Sugerem meditação, chás, aula na internet, leitura de livros, séries, passeios virtuais, cuidado com a aparência... Vida que segue sem essência. O que realmente importa nessa escuridão do dia? Somos todos tão iguais... Que discurso é esse? Não há igualdade na diferença tão sombria.

A ficção caminha arejada, sem lixo nas ruas, com dinheiro no banco, mas não representa a verdade. Esta joga água sanitária nas vielas da realidade, oferece do seu pouco a quem precisa de um farelo esmigalhado.

Há quem ressignifique valores. Estão lutando, com receios e temores, dando mãos à empatia e abraçando sem braços ou laços.

Nesse momento, a fala é que se pode sair às ruas, usando máscaras e capas de super-heróis. Realmente, está mais disponível a proteção da capa invisível do que o tecido sobre o rosto. Ah, que povo criativo! Reutiliza o que tem em casa para construir sua máscara! Bom, se para você isso é ser autêntico,

eu diria que é ser marcado e sofrido. O desespero faz com que busquemos soluções, nem sempre, e para muitos quase sempre, numa loucura de se manter sua vida. Aliás, o único bem importante para todos nesse instante desigual é esse: a vida! E que vida se leva por esses tempos ásperos...

Ficar dentro de casa ouvindo as notícias e as quantidades de valas que são abertas faz qualquer um querer desvendar o enigma do vírus. Há de se ter uma característica na escolha de quem se encontra com ele. Por que o corona não quer todo mundo? Já está exposto que pertencer ao grupo de risco não é um fator determinante para a tal doença. Idoso foi o que menos perdeu nessa luta. Por aqui não temos uma constância. Mas há de se ter... Ainda descobrirão. Talvez tarde. Mas descobrirão.

Nesse mundo, não há alma preservada. O dinheiro não a blindou. Algo mostrou a todos como somos diferentes e tão iguais. Há impotência, preocupação, perversidade, sofrimento, altos e baixos, surtos, flor da pele, sentimentos à mostra, caos.

O caos de lá de fora da minha casa não está maior do que o que me intoxica aqui, no meu peito. Há um vírus que atravessa minhas entranhas.

Muitos transformaram suas rotinas em prazer, por não saber explicar por que não podem mais mergulhar por entre as ondas, pegar conchas espalhadas, ou construir castelos nas areias da cidade. Tentam mostrar aos seus pequenos, às suas heranças, o quanto de vida há dentro de sua família. Os objetos viram sonhos, desejos, fantasias e, assim, pai e filho, mãe e filha viajam salvos pela imaginação, nas histórias, nos relatos, nas vivências próximas e construídas para se sentirem mais seguros.

De verdade, não há segurança.

A insônia se lembra da reza, dos cristais, dos incensos, do homem de vestes importantes pedindo, sozinho, pela cura do povo, da crença silenciada pela modernidade líquida que correu pelos ralos entupidos.

Que mundo é esse que nos deixa exaustas nessa normalidade inesperada?

Fingir que dentro de mim está tudo funcionando, sem estar, não é possível. Está dolorido, estou menor, encolhida, invisível, breve, tamborilando, desigual.

E o que pensar quando essa guerra chegar ao fim? Como estaremos? Quais marcas carregaremos? O que diremos às mães que ficaram órfãs de seus

filhos? Como daremos colo aos que perderam seus pais? Será só mais uma vítima? Quem se importará com a condolência do próximo? Muitas perguntas ecoam por aqui, todas sem respostas.

Acolho-me e sigo respirando um suspiro infinito e firme. Um passo após o outro, um dia de cada vez, instante a segundo. Porém, sempre. Repleta de cicatrizes, asfixiada, mas orgulhosa e valente, por estender a mão para quem está frágil e não consegue mais falar no presente sem saber se haverá currículo em seu futuro. Sem roteiro de vida.

Eu e a empatia seguimos entrelaçadas, completas. Inteiras e juntas. Apenas adiante.

Elaine Mascarenhas  
Gerência de Educação  
B.E.M do Leblon - Vinícius de Moraes

---

---

# *Nas Redes*

de Rosa Maria Alves

---

– Se for para pausar, que seja numa boa rede! – disse Mariana toda empolgada, ao chegar em casa, após o decreto do isolamento social.

O outono batia à porta do hostil março de 2020. Nas ruas o mesmo barulho e inquietude de sempre: os carros, as cores, as pessoas, a poluição. Mas, junto a isso somava-se um burburinho, alguns ruídos, dados, notícias, pandemia, vírus... E as autoridades decretavam o início de um isolamento social. Ela, que antes implorava pelo tempo... aliás, melhor explicando: ela que reclamava da falta de tempo – tempo para deleite, tempo para nada e não essa corrida louca programada diariamente –, agora se deparava com o relógio nas mãos, do jeitinho que um dia sonhara. Tempo frágil, indefeso, esperando ser retalhado por ela, fatiado e não mais amaldiçoado como sempre fazia. Segundos, minutos e horas a ela pertenciam: era dona do tempo!

Curtindo aquele balancinho gostoso, embriagante, transportador, espreguiçava-se sem pressa. Que poder tem o balanço de uma rede! Com olhos projetados pro alto, ninava seus sonhos, pensamentos e viajava para lugares inimagináveis. O corpo, aproveitando o movimento que bem lembrava o colo de mãe, transportava Mariana para a infância. Ela até lembrou de quando disputava a rede com o irmão e os primos e deu uma risada.

Tempo de pausar, de olhar pra si, de ler os livros comprados euforicamente e guardados numa prateleira, de cozinhar e comer sem pressa, de não se preocupar com a aparência, tempo pra arrumar armários, gavetas, tempo de olhar para dentro.

Mariana pega o celular e começa a navegar por suas redes sociais, faz a sua selfie e posta uma foto deitada na rede. As notícias chegavam, afetavam, cutucavam feito agulha pontuda e, de certa forma, alteravam o balanço calmante. Já não dava mais para curtir a rede! E quando ela se deu conta fora arremessada bruscamente: Ploft!

Caída no chão, viu que como uma planta dormideira a rede incrivelmente fechara. Ela tentava subir e não conseguia, sentava e caía, era em estado

de negação que aquele pedaço de pano se encontrava. Recusava-se a manter o doce balanço. Parecia agora uma onda nervosa de um mar revolto. Mariana assistia do chão e chorava. E obedecendo fielmente à lei de Murphy, de repente, um estrondo na rua e todos os aparelhos desligados. Sem luz! Rede elétrica danificada.

– Senhora, vou estar analisando sua rede, mas pelo que tudo indica em um prazo de 24 horas vou estar regularizando a situação – avisara o atendente da companhia elétrica num gerúndio irritante e perturbador.

– Ahhhhhhhh! Que pesadelo! – gritava Mariana!

Sem rede para deitar, 24 horas angustiantes sem luz. Era nítido que ela também notava a falta de luz interior. Nenhuma veia/cabo passava energia. Estava ali petrificada. Dramática, já se condenava. Sentia seus fios e suas redes em pane, assim como os fios de sua casa.

– Que raio de fase é essa? – esbravejava irritada!

Breu total! Ela começou a ouvir uns gritos. No meio da sua sala uma outra rede estranhamente ganhava vida, esfregava na cara, de um jeito que dói, machuca, arde... Era a dor do outro saltando

nas timelines, nos feeds. Pratos vazios, murmúrios, choros, assim como a representação imagética dos rostos famintos, personificados na sua casa.

Ela estranhou porque era uma rede social que ela muitas vezes frequentava e, quando se deu conta, ali dentro de sua casa estava uma legião de amigos seguidores. Uma pluralidade de perfis saltava da tela do celular. Assim como num culto ecumênico, vozes de fé ecoavam, posicionamentos políticos, muitas imagens, vídeos, denúncias, todos no mesmo espaço, produzindo, esperando ser vistos, curtidos e compartilhados. Era híbrido e barulhento! Nesse momento, como num filme de super-heróis, essa mesma rede virava um gigante raivoso pronto a engolir quem não a soubesse usar.

Foi quando ela viu naquele escuro perturbante os amigos, como pescadores, lançando em seus posts a rede do pedido, da misericórdia, da empatia. As vozes se misturavam e ecoavam dentro da cabeça dela e afetavam seu sono, sua paz. Então, junto a esses pescadores amigos, ela também começou a segurar um pedaço dessa rede imitando o movimento de lançar para as águas e puxar. A cada puxada sincronizada, curtida, compartilhada, a rede voltava pesada como um exercício puxado da academia que ela não frequentava por preguiça.

Os pescadores amigos puxavam, puxavam e quando a rede chegou na margem estava lotada de pão, alimentos, dinheiro, roupas, brinquedos, esperança. Eram toneladas! Mariana sentiu um prazer enorme nesse momento, nunca imaginara usar dessa forma essa rede que antes, para ela, não passava de um show de vaidades. Essa rede pulsava a cada doação recolhida e destinada, e nesse momento um clarão e um estrondo: e incrivelmente a luz voltou! Mariana sentiu como se nesse momento a sua luz interior também estivesse voltando, como se a sua bateria estivesse recarregada.

O corpo ainda sentia, os braços doíam, toda aquela força para puxar a rede tão pesada. Sentada no sofá, o pensamento voava, abria um sorriso a cada rosto que lembrava, de esperança devolvida; foi um tempo destinado a alimentar o outro com comidas ou palavras. A rede social para a tela do celular voltava! Uma nova forma de ser e estar nessas redesurgia, não mais como ela cotidianamente usava. Tempo de se reinventar!

Mirou a janela de casa e viu uma outra rede. Ali, nada de fora a atingia, assim como qualquer objeto para fora não poderia ser lançado. Questionou o porquê daquelas redes e viu que na janela do outro também tinha. Estranha aquisição humana chama-

da rede de proteção. Debruçou-se e ouviu os latidos dos cachorros, o barulho das panelas do vizinho, assim como sua estranha playlist. Riu das vozes, do burburinho das crianças e acenou para os que estavam nas suas respectivas janelas. De fato, a rede de proteção não era para separar pessoas, Mariana suspirava, era um espaço que ela agora frequentava: a janela de sua casa.

Cansada, o jeito era tomar um bom banho para tirar todo o peso e relaxar. Ela não compreendia como tudo aquilo havia acontecido dentro do seu lar. E enquanto a água do corpo caía no chão em direção ao ralo, ela se imaginava como uma rede deixando a água lavar e levar o que a angustiava. E o ralo também tratava de escolher o que deixaria passar, era ralo rede! Uma metáfora em um banho! Ria e chorava, se esvaziava! Ela só queria deitar-se!

A rede de pano? Continuava fechada, birrenta, impossível domá-la.

Foi até a cozinha, pegou um copo d'água e ouviu uma voz:

– Mariana, vem deitar! A voz vinha da varanda, uma voz firme e doce, e ao olhar Mariana viu a rede aberta, balançante.

– Nãããão, a rede fala? Eu tô surtando, só pode!  
– disse Mariana arregalando os olhos.

E a voz não parou:

– Agora que passou por outras redes, pode se deitar!

Ela quis correr, mas resolveu ficar.

E num abraço simbiótico, o tecido a acalentava, o pano que antes um dia fora esquecido numa varanda agora um corpo embalava.

Mariana “caiu na rede” e adormeceu. Silêncio, balanço, real e imaginário se misturando, as lembranças do ocorrido, o sono embriagante...

Uma sensação confortante a envolvia, missão cumprida nas redes!

Rosa Maria Alves  
professora dos anos iniciais  
E.F. Biblioteca João do Rio (Irajá)

---

---

# *Se Vira nos Sessenta: A Arte da Reinvenção*

de Teresa Drummond

---

Se vira nos sessenta?... Não teria outro jeito?... Nunca gostei de trabalhar na frente de computador! Agora, tenho que dar aulas online, que desafio! Será que essa máquina tem câmera e microfone? Acho que não. Meu PC é antigo, caramba! Vou ter que ligar para o técnico, para me salvar! Mas se ele tiver que vir aqui?... Estamos em tempo de pandemia, de isolamento... Sei lá. Mas preciso me arriscar.

Fotografei a torre preta e o monitor. Mandeí por whatsapp. Mas isso não foi suficiente. O rapaz teve de monitorar minhas ações: clica aqui, abre ali... Cheguei a ligar o ar-condicionado. Estava suando, aflita. Que tortura!... Enfim, ele concluiu que teria de comprar uns periféricos para instalar no meu computador. Não entendi muito bem, mas era necessário aumentar a minha memória. Minha?!... Não, da máquina, é claro. Marcou de vir dois dias depois. Fiquei

nervosa, pensei nisso o tempo todo. Mando-o tirar os sapatos? E a roupa que virá da rua?... Mandarei lavar as mãos... Banho de álcool em gel... Ah, tenho máscara descartável; ele terá de colocá-la.

Nada deu certo. Quando me dei conta, oi, entra, e o técnico já estava dentro do meu escritório, de sapatos, com a máscara dele, sem lavar as mãos. Sua roupa esfregada no ônibus estava ali, bem na minha cadeira de tecido. Como vou desinfetá-la? Nem prestava atenção direito nos seus comentários e explicações; só tinha olhos para seus gestos. Minha cabeça parecia processar uma lista de verificação: onde suas mãos encostaram? Precisaria passar minha solução de água sanitária em tudo! O vírus é invisível, não posso facilitar! Estava tão atordoada que, incredivelmente, percebi que eu mesma estava sem máscara! Meu Deus!... Gelei. Pera aí: pedi licença ao moço do computador. Já volto; não mexa em nada! Lavei minhas mãos, antebraços e cotovelos. Passei álcool. Vesti a proteção de tecido duplo no rosto, pensando se já não estaria contaminada. Será?... Quase surtei. Me lembrei dos exercícios respiratórios da meditação. Mas não dava para relaxar e esvaziar a mente no meio daquela tensão. Tinha uma pessoa no escritório, tocando em tudo!

Terminei o serviço. A senhora entendeu como fazer? Sim, tudo certo. Só queria me livrar dele. Paguei com notas lavadas; nem quis o troco. Fechei a porta. Imediatamente, corri para pegar o spray, papel-toalha, pano, rodo... Refiz seu caminho de ida e vinda ao escritório, maçaneta, mais todo o repertório de articulações que presenciei. E a cadeira?... Como não tinha pensado antes?!... O produto que coloco na máquina de lavar roupa não mancha. Se mata o vírus, sinceramente não sei. Mas não mancha. Limpei a bancada, o monitor, a torre... Água sanitária no teclado? E agora? Sei que parei no chuveiro, exausta. Água morna escorrendo da cabeça aos pés, por alguns minutos, acalmando. Sensação de alívio. Que dia!

Esfriou. Dias de outono são assim: sol de dia; friozinho à noite. Vesti o pijama novo, de flanela. Adorei a estampa de borboletas. Era o que eu precisava naquele momento: ser borboleta. Queria voar janela afora e ver o mundo. Saudade das ruas, das pessoas... Poder me sentar e tomar um chope. Ficar atordoada com o burburinho de vozes, corpos agitados... Mas ali, quase invisível aos olhos de todos, ninguém percebe o outro, essa é a verdade. Passaria uma noite inteira, como tantas, invi-

sível. Eu, o chope e o cenário da noite... Ai!... Quase cortei o dedo!... Que cebola ardida!... Juntei-a com o alho na panela, enquanto os olhos ardiam, marejados, nem sei se de cebola ou de saudade da rua. Certo é que o aroma de refogado invadiu a narina, abrindo o apetite. Que cheiro bom! Ainda bem que deixei os legumes cortados. Estou muito cansada. Depois da sopa, cama. Não aguento fazer mais nada. Jogo uma água por cima da louça e deixo-a pra amanhã.

A realidade virtual assolou novamente, depois do café. O prazo estourou; tem de estar tudo testado hoje! Alguém da escola disse que é só baixar o aplicativo no computador e ler as instruções no e-mail. Simples assim. Mas não pensou que, para alguns, é necessário se reinventar. Isso me enlouquece! Na minha juventude não tinha nada disso! Comecei cuspiendo giz, cheirando a álcool de mimeógrafo. Ninguém fazia copia-cola! Era pesquisa mesmo, nos livros. Os alunos tinham de ir para as bibliotecas ler textos. Escreviam, com as próprias palavras; interpretavam. Eu quase sempre ia com as amigas num tempo mais remoto. Na saída, inesquecível, seguíamos até a praça pra comer joelho quente, derretido, saído do forno, antes de voltarmos para

casa. Quase um vício! Mas a vida era outra. Ora, se era! Agora, não adianta... Nem pense em protelar: preciso resolver logo isso. Vamos lá: não deve ser tão difícil assim. Vou abrir a mensagem. Clico aqui, rolo até ali... Dane-se: é irritante! Irritante demais! Que burrice: como não pedi para o técnico fazer isso?! Sabe de uma coisa, ligarei pra ele. Nada de arrancar os cabelos, aqui, sozinha. Minha filha está longe, de quarentena, na casa dela, cuidando das crianças... Tem asma desde pequena, não pode se expor a esse vírus maldito! Até poderia me ajudar... Ou talvez, quem sabe, nem saberia como me orientar por telefone. Deixa pra lá. Sei que minha pressão deve estar alta. Nuca pesada. Dor de cabeça. Cadê o relaxante muscular? Onde guardei? Não dá pra meditar, ensaiar exercício... O tempo é curto.

Você pode me ajudar?, apelei. Melhor fazer uma videochamada pelo whatsapp, aconselhou o técnico. Tá bom: desligo e chamo em seguida, prometi. Ele deve estar me achando louca. Sessentona e louca. Não importa. Vou pagar. Depósito direto na conta. Ele vai até ficar feliz. Nesse tempo de pandemia, o trabalho está escasso. Tem gente que nem trabalho tem! Duvido que os lojistas dos shoppings estejam mantendo seus funcionários. Ninguém vende

nada! É assustador. Muitos estão passando fome. Imagino o pessoal dos espetáculos. Quanta gente trabalha atrás das cortinas! Todos sem dinheiro. É triste, muito triste. O governo até está dando uma ajudinha, por pressão política. Só dá pra comer. E se der!... Essa gente tem filharada. Mora num cubículo cheio de gente. Nem sempre tem água pra lavar a mão! Tudo precário. Se o vírus bate à porta, danou-se! Basta um contaminado para o efeito dominó acontecer. Onde vamos parar? Eu fico nervosa com essa situação. São milhões de pessoas que morreram no mundo! Quantos ainda vão morrer? E ninguém chega a um consenso: o presidente manda ir pra rua; os órgãos de saúde dizem pra ficar em casa. Muda ministro da Saúde... Exército fabrica remédio que nenhum estudo comprova a eficácia contra o vírus!... Deus me livre e guarde de ter que me internar! Morreria só de pensar nas bactérias e nas hidroxicloroquinas!... O medo também mata!

Consegui. A conexão da videochamada até que está boa. Podemos começar? O wifi parece estável. Imagina se, no meio da aula, caísse a internet? Seria um vexame. Como devo baixar essa tal de plataforma? Não entendo nada disso. Nunca trabalhei assim. É tudo muito assustador. Vou clicando aqui...

É pra rolar até ali?... Enfim, instalação concluída. Que odisseia!... Preciso fazer um teste. Não dá para encarar o grupo de alunos jovens, que nasceram na geração da informática, sem ter um mínimo de prática. É complicado: abre microfone e fecha microfone; abre câmera e fecha câmera... Isso estressa! O técnico foi muito paciente. Um superanjo. Passou a manhã inteirinha comigo. Anotei a conta bancária dele. Ainda bem que é do mesmo banco que o meu! Isso eu sei fazer: transferência pelo aplicativo. É difícil acompanhar tudo! As coisas mudam com muita velocidade! A todo instante tem uma novidade!... Mas fico imaginando se nesse tempo de pandemia não tivesse internet. Nossa!... No início do século XX, quando teve a gripe espanhola, não tinha nada disso. O povo fez isolamento, sem internet. Se já tem gente se suicidando por ficar confinada com o mundo na palma da mão, penso como deve ter sido na primeira década dos anos 1900. Meu pai nasceu no meio desse surto. A família contava que foi um deus nos acuda: caminhões passavam para recolher os corpos na caçamba. Parece que Deus, de vez em quando, precisa dar um sacode na humanidade. Naquela época, não sei bem o porquê, mas era pós-guerra – Primeira Guerra Mundial –, um tempo bem sombrio. Agora, está claro! Os homens

estavam andando na contramão! Contramão da evolução espiritual! Como se houvesse mão dupla a escolher. Para um lado, num engarrafamento só, o consumismo, as vaidades, os prazeres, a disputa, o eu... Para o outro, a caridade, o amor, a esperança, o nós... Bastou mudar o ritmo, se ver confinado, sentir medo, todo mundo reza, canta na janela, contribui para as ações solidárias, chora porque o vizinho morreu, torce pra que dê tudo certo.

Me distraí. Já são quase duas da tarde e nem fiz o almoço! A fome está apertando. Um bife de frango acebolado é rápido. Já tenho arroz integral com lentilha pronto. Uma saladinha de alface, cebola e tomate; bastante azeite para o colesterol bom... Está ótimo! Não posso me demorar. A aula começa amanhã cedo e nem planejei direito a discussão. Sequer pensei nisso: discussão?!... Como poderia discutir algo? Ah, eu iria enlouquecer se programasse debate, abrindo e fechando microfone! Precisaria de um técnico exclusivo para me assessorar! Só rindo. Já vi que vou ter de trabalhar de outra forma. Vamos perder o que há de melhor na aula: essa dinâmica do discurso. Como encontrar um meio de acalorar os assuntos, se aprofundar neles, revirá-los na ótica de cada um?... Um monte de retângulinhos na tela. Imagino como será. Cada um na

sua casa. Estranho, não? Ih... o frango! Quase passou do ponto! Não faz mal. A fome é grande e o tempo urge. De novo, vou deixar a louça pra lá. Preciso terminar o plano de aula. Não vai ser fácil descobrir um jeito interessante e produtivo de dar aula nessa plataforma. Muita modernidade pros meus sessenta anos. Devia estar aposentada, fazendo palavras cruzadas, lendo tudo que não deu tempo de ler a vida inteira. A gente está sempre correndo. A gente?... Verdade é que nem sei dos outros. Sei de mim. A vida me exigiu responsabilidade. Cuidar da casa, da família, dos estudos, do trabalho... Se eu não fosse professora, estava roubada. Nunca é tarde para se virar. O marido não deixou nada. Mandei ir embora; nem viu a filha crescer. O compadre é que avisou. Morreu de cirrose hepática. Felizmente, bem longe daqui! Era uma tortura ver aquele homem entrar em casa cheirando a álcool todos os dias. Álcool, só o dos mimeógrafos! Esse, sim, sustentava a mim e à minha filha. Ela sabe da história. Vê as fotografias... Pai segurando ela no colo, bebezinha... Mas não tem saudade. Lembra bem dele cambaleando e... Nem é bom recordar isso. Era agressivo. Por isso, tomei coragem. Precisava ter coragem. Botei pra fora. Mulher sempre foi tida como frágil. Incutiram isso na cabeça da gente. De toda uma geração. Hoje não é muito diferente. Tem delegacia só

pra mulher; Lei Maria da Penha. Se tem é porque não mudou nada. A todo instante, uma mulher é agredida. Às vezes, morre. Triste isso. Como deve estar sendo nesse período de pandemia? Todos em casa... Vinte e quatro horas em casa!

A coordenadora pedagógica ligou. Que bom ouvir sua voz! Um alento. Esse negócio de mensagem escrita deixa a gente sozinha. Me tranquilizou; deu algumas ideias... Porém, nada vai substituir a discussão, o debate. Vou ver o que faço. Talvez, propor uma pesquisa... Será?... Acho que os alunos vão me odiar. Estão em casa. Querem jogar videogame! Mas o currículo? Tenho que dar conta da ementa! Verdade é que nem eu, nem eles estamos no mesmo ritmo. Saber que tanto ser humano está morrendo, milhares por dia, é perturbador! Quem tem cabeça para estudar? Nem ligo mais televisão. Só na novela reprisada, à noite. Já quase às dez. Aí, tento relaxar. Isso, quando dá. Ontem, foi impossível. Perdi um capítulo decisivo. Também, que dia!... Mas se eu não me concentrar agora, perderei outro episódio. Vou apelar para os slides... Mando um questionário... E pronto. Um senhor questionário, claro! Impossível fazer mais do que isso. Como educadora, lamento. Parece que andei para trás, que estou tapando o

sol com a peneira. Sei lá... Continuo perdida, sem resposta: como construir um conceito sem debater? Só mágica. Depois que a gente tem experiência, vai pros livros, confronta, cria argumentos, hipóteses... Mas os jovens?... É preciso alguém para conduzir! Senão, nem precisaria ter professor! Depois que começou essa pandemia, que revolução! Já havia uma forte corrente querendo que todas as aulas, um dia, fossem online. Para que escola, pegar ônibus, fazer merenda ou ir para a faculdade após um dia cansativo de trabalho? Agora é a hora das verdadeiras experiências! Alguma coisa vamos tirar de tudo isso. Precisou um vírus contaminar o mundo inteiro pra colocar o povo para pensar. Novas vivências; novas perspectivas. Ninguém será o mesmo depois que essa pandemia passar! Um conceito que está viralizando e que tem fundamento! Isso porque tudo que nos afeta nos transforma! É só estudar um pouquinho de filosofia para entender que é assim que acontece! Se alguma coisa vai melhorar ou piorar, ninguém pode saber, depende de muitos fatores: a certeza é que isso tudo nos transforma.

Caramba, mais uma vez vou lá longe e volto! Tenho que me concentrar; pensar nas perguntas. A forma de criar esse questionário é que vai fazer

a diferença! Se os alunos acham que darei moleza, estão enganados! Não ter de pesquisar para responder! Coitados: estão lascados comigo!... Fico rindo sozinha, aqui, imaginando o que irão pensar. Mas é o mínimo que se pode fazer à distância. O aluno precisa saber interpretar um texto, costurar com outras ideias, remendá-las com as suas perspectivas; saber concordar ou discordar... Isso é que possibilita ao sujeito interpretar o mundo!

Mereço um café. Estou quase terminando os slides. Vou ensaiar essa primeira aula, depois de comer um pedacinho de bolo com café. Parece ser a primeira vez que irei entrar numa sala, diante de um público cheio de expectativas! Ou até sem nenhuma; mas todos olhando pra mim. Lembro-me bem do frio na barriga que senti. Verdade que, aos sessenta anos, estou revivendo essa mesma sensação. Estranho, né? A vida dá voltas. E surpreende a gente também. Um dia, estávamos todos pelas ruas, resolvendo a vida... Correria pra lá e pra cá... Shoppings lotados de gente cheia de sacolas nas mãos; uns esperando a senha do lanche; outros na fila para comprar ingresso do cinema... Escolas e universidades cheias de vida... No dia seguinte, em casa. Todos em casa, sem sabermos até quando. E me vejo aqui,

nessa situação. Sofrendo diante de uma tecnologia com que nunca tive afinidade. Só depois de muito penar, fazendo uma revolução nos meus neurônios, finalmente consegui terminar os slides. Agora, é ensaiar. Mas depois do café! Nem vai dar tempo de ligar a live da meditação. Como seria necessário!... Ajudaria muito! Entretanto, é o jeito: ou medito ou ensaio. Não dá pra fazer as duas coisas. Amanhã é o primeiro dia, tenho que dar uma boa aula!

Após o breve ensaio, pela primeiríssima vez, senti necessidade de caminhar só um pouquinho. Senão, enlouqueço! Preciso me arejar; espairecer; ver o asfalto, a lua crescente, as lojas que foram fechadas, as farmácias e padarias abertas, árvores ao longo das calçadas... Tomarei muitíssimo cuidado. Ir para a rua é um ato de coragem. O inimigo é invisível, pior que bomba!... Será?... Que bobagem!... Exagero. Se isso pode ser chamado de guerra, é bem menos perigoso. Em casa estamos mais seguros, sem torpedo caindo do céu. É só se resguardar. Limpar tudo... Mas preciso hoje de rua. Sinto-me sufocada. Um tanto de angústia. Outro tanto de desespero. Coragem! É só um pouquinho. Já separei o chinelo para quando voltar. Direto para a área... Tênis, roupas e máscara no balde e no tanque. Deixei pronta a

mistura de água, sabão e uma medida de cloro. Será que vai manchar a roupa? Escolho algo claro para vestir. Cabelo preso, boné, calça, blusa de manga comprida, luvas, álcool em gel, máscara... Não falta nada, creio. Ao segurar, porém, a maçaneta, um calafrio percorreu toda a espinha. Ainda posso desistir, pensei. Quem não tem medo do desconhecido? Tantos dias cem por cento isolada!... A vontade de respirar foi maior. Respirar entre aspas, porque é difícil deixar fluir o ar confortavelmente com o pano duplo na cara! Era o jeito... Mas não toque em nada!, uma voz gritou na consciência. Na mão esquerda, o spray. E a direita livre para abrir a porta do elevador. Todas as portas de elevador deveriam ser de correr!... Facilitariam nessa hora!... Apertei o botão. Saltei. Cumprimentei, bem de longe, o porteiro. Quanto tempo não o via! Nem foi dispensado!... Tem mais de sessenta, como eu!... Sei que ao chegar à calçada, espirrei imediatamente o álcool na luva direita. Senti-me um tanto mais segura. Passava um pouco das vinte horas. Mesmo com as lojas fechadas, o que era normal naquele horário, a rua parecia agitada. Fiquei perplexa. Assustada. Os quiosques?... Esses estavam abertos, com mesinhas na calçada!... Vi um bar de esquina com várias cervejas sobre a mesa!... Quem bebe e come fica sem

máscara!... Por isso tanta gente está morrendo! Um monte de gente sem se cuidar! Que perigo! Não dá nem pra relaxar! O vírus é leve, está no ar!... Ah, vou só até ali e volto logo! Me arrependi! Estou me expondo. Não tem respirador pra todo o mundo! Não quero precisar!... Os hospitais estão lotados!...

De volta, enfim. Abri a maçaneta espirrando álcool. Calcei o chinelo. Direto para a área de serviço. Tirei tudo com cuidado. Fiquei ali de calcinha e sutiã, com todas as minhas curvas expostas. Dava para o vizinho de frente ver. O do apartamento de cima, também. Ora se dava!... Nem quis saber. Atravessei a casa até o banheiro e... Que alívio!... Soltei o cabelo. Xampu três vezes. Creme... Sabonete esfregado por todo o corpo... Deixei a água morna refazer-me, preenchendo-me os poros, a mente... Relaxante. Precisava. Mas já está na hora da novela!... Me enrolei na toalha. Enfiei meu lindo pijama de borboletas, correndo. Passei um pente, desembaraçando os cabelos... Como estão caindo! Babosa daria jeito!... Mas jamais iria à feira para comprar!... A aglomeração é inevitável!

Já começou. Perdi a primeira parte! Ah, deixa pra lá. É só novela. Mas está interessante. Distrai. Hora de se desligar e sentir as emoções dos personagens. É

tudo mentira: cenário cheio de gente em volta. Mas emociona, porque ninguém se lembra dos bastidores. Nessa pandemia, estão todos em casa, sem gravar. Por isso essa novela é reprise. Sorte que nem tinha visto antes. Se alguém vai beijar ou não; trapacear ou não... Faço até torcida. Às vezes me sinto ridícula! Mas por que não? É arte. E mexe com a gente.

Não quero fazer mais nada, estou minada. Ir para o fogão, nem pensar! Só um lanche, leve. Chá com torradas e geleia. Ah, mas sobrou sopa!... Agora que vi! Não lembrava. Prefiro. Já é tarde. Seco o cabelo e cama. Tenho que acordar cedo. Nem precisarei enfrentar trânsito! Que maravilha!... Mas terei de passar chapinha para dar jeito no visual. Sem muita maquiagem: lápis, máscara de cílios e batom. Roupa separada: gosto desse terninho. A blusa?... Essa! Brincos, cordão... Scarpins nos pés? Por que não? Preciso me sentir segura, como se estivesse na sala de aula, fisicamente. Há quanto tempo não calço sapatos! Os pés – parece até brincadeira – estão sentindo saudade. Tudo em ordem. Apaguei a luz.

Enfim, o tão esperado e temido dia. Sequer aguardei o despertador tocar, cinco minutos antes já estava de pé. Banho morno, sem demora. Enrolei-me na toalha e fui para o quarto me vestir. Estava tudo

ali, separado. Que bom que fiz isso! Adiantou bastante. Enquanto a chapinha esquentava, rímel, lápis e batom. Mas estou tão branca!... Um pouquinho de blush. Assim fica melhor. Logo corri para a cozinha. Pó e água na cafeteira, liguei o botão. Meio mamão papaia. Duas fatias de pão integral com queijo minas. E os ponteiros do relógio de parede girando. Já está em cima da hora!... Larguei tudo. Fui para o quartinho que fiz de escritório. Liguei o computador e... Pronto. Começou a aparecer um monte de retângulos na tela. Algumas caras de sono; outras mais despertas; fundo preto de gente ainda entrando... Que saudade dos meus alunos! Bom dia, turma!

Foi melhor do que imaginara. Aos poucos relaxei e a aula foi fluindo, daquele jeito adaptado, mas fluindo. Meio confuso esse abre e fecha microfone. Escutei cachorro latindo, criança chorando... Fecha, por favor, seu microfone!, pedi, quase implorando. Gente passando rapidinho no cenário; irmão mais novo fazendo graça atrás do aluno... Não poderia ser diferente: estão todos em casa, sem privacidade. Apartamentos normalmente minúsculos para toda a família. Casa com quintal, quase raridade! Ninguém sabe mais o que é pegar uma fruta no pé!... Sei que senti a ausência de uns vinte por cento de alunos.

Será que não acordaram? Ou não têm computador, um celular que suporte essa plataforma? Injusto se o motivo for a falta de tecnologia adequada! Enquanto uns andam outros ficam para trás? Será que a coordenação fez algum levantamento com os alunos? O mundo está atravessando um tempo de pandemia!... Se der para todos acompanharem, tudo bem! Se não der, ninguém pode se prejudicar! Pode ter sido também o primeiro dia. Amanhã, quem sabe, estarão online?!... É... Deixo para ligar e saber deles depois. Mais sensato.

Vou descongelar uma torta. Ainda tenho alface, tomate, cebola... Faço suco desse limão grande, inteiro, cheio de caldo. Vitamina C. Bom para evitar qualquer gripe. Nem posso demorar: ainda tenho o planejamento de amanhã. Sei o que vou dar, mas o dilema é o como. Só rindo... Criei até um substantivo! Que doideira! E lá me vou novamente dar cambalhotas e encontrar um meio interessante de passar os conteúdos a distância. Professor trabalha dobrado: antes, durante e depois das aulas. Lida dura! Nem deu para passar uma vassoura na casa. Limpeza, só no dia do técnico; e no caminho que ele fez! Os móveis estão cheios de pó. Fico doida com isso. Mas o tempo urge.

Tive problemas com os slides. Não sei o que deu: o programa travou. Liguei para o técnico. Talvez precise reinstalar... Nem sei. Importante que tudo voltou ao normal. Pude até fazer minhas compras de mercado online. O pior será amanhã à tarde; fico sem fôlego só em pensar! Lavar latas, vidros, frutas, legumes... Nem me dei conta de que já está na hora da novela. Sequer lanchei!... Fazer comida, agora? Sinceramente, não dá. A sopa acabou, a torta se foi... É... Chá de cidreira, torrada, queijo e geleia. Finalmente, o beijo, ainda às escondidas. Tem gente que desconfia. Principalmente a esposa. Mulher sabe.

Dei um pulo da cama! Me esqueci de colocar para repetir o despertador!... Meu Deus!... Banho, nem pensar!... Coloquei um blazer por cima do pijama. Mas vai aparecer o peito! Está frio, joga um lenço. Cabelo preso. Batom e rímel. Apertei o botão da cafeteira e do computador. Parei. Respirei. Hora de dar bom-dia. Arrumei a câmera: só busto e rosto. Foi quando percebi que estava sem brincos. Deixa pra lá. Os retângulos foram aparecendo... Comecei a aula... Tudo fluindo... Até que tocou o interfone. No meio da aula?... Quem poderá ser?... As compras?... Só sei que o barulho vindo da cozinha ficou insistente. Gente, me desculpa,

mas preciso atender o porteiro! Apressada, me levantei. Era o técnico para reinstalar o programa! Não!... Agora, não! Pensei na máscara, álcool, maçaneta, meu sofá... Jamais!... Estou dando aula!... Nem percebi que ao me levantar, imediatamente, as borboletas começaram a voar!... Os alunos deram mil gargalhadas! Nem escutei: os microfones estavam fechados.

Teresa Drummond  
escritora, pedagoga e ativista cultural  
B.E.M do Méier - Biblioteca Infantil Carlos Alberto (Bica)

---



parquinho na rua de casa e ao mesmo tempo com a tranquilidade com a qual ela se esquece da vida brincando no balanço do local, experimentando a sensação de liberdade cada vez que joga as pernas para o ar.

Nossas viagens agora são internas, profundas; nossos valores são medidos pela preciosidade e não pelo preço. Temos a oportunidade de experimentar a hipótese da universalidade dentro de cômodos, aos mais sortudos, quintais... Reconheço-me em todos os contos, pois em sua essência aquecem os sonhos. Sonhando com esperança, torno reais as possibilidades que vejo além da janela.

**Roseli Duarte**  
subsecretária de Cultura



**PREFEITURA**  
DA CIDADE DO  
RIO DE JANEIRO

MULTIRIO - EMPRESA  
MUNICIPAL DE MULTIMEIOS LTDA.

**Multirio - Empresa Municipal de Multimeios Ltda.**

Largo dos Leões, 15 • Humaitá • Rio de Janeiro/RJ Brasil  
CEP 22260-210 • Central de Atendimento ao Cidadão: 1746

Fora do Rio: (21) 3460-1746 • Fax: (21) 2535-4424

[www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br) • [ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br](mailto:ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br)